

nicoOla



crístovão tezza
octavio paz
matakowski
tsvetáeva
essénin
elena godoy
luiz heitor guimarães
ephrain gottard
marília kubota
luiz Manfredini

wim wenders
jósé lino grünewald
sér gio bianchi
júlio bressane
carlos marés
wagner d'angelis
divaklo lins maciel
cristina herrera
estelita de matias
fernando jósé karl
perci schiavon
seathl
berenice mendes
leo gilson ribeiro

joão antônio
sylvio back
jósé maria correia
valéria prochmann
gehrad hopner
rollo de resende
martha feldens
teresa urban
rudolph linck
malu maranhão
lucille saporiski
pierre landon
carlos dala stella
cesar santos fontela
rené ariel dotti
gilberto dimenstein

orson welles
bellenda
luís jósé brenda
sueli de souza
elisabete manzi
rubia charneski
nicamor da costa
eliane gaio
perla melchers
posada
macacheira
lélio sotto maior jr
leontino filho
claudinéia castilho
leonardo polinário
leila pugnaroni

sér gio augusto
luciana petrelli
madariaga
carlos barbarito
marcelo di marco
santiago espel
matias bratford
fábio brüggemann
rita joly
pascual motta
paulo meselgise
ubaldo puppi
paixão
emo silveira

esquivel
jean genet
alberto moravia
teofilo bacha filho
ennio marques ferreira
edson machado
joba tridente
wilson bueno
dalton trevisan
poty

Do olho (mágico) de Luciana Petrelli, que flagra, na capa desta edição, o que na vida é a brusquidão do súbito e sua agrura, à tensa linguagem com que Cristovão Tezza nos indica, à contracapa, senhas e sendas de seu novo romance, **Nicolau** pretende, de ponta a ponta, refletir sobre a violência que nos fazendo em regresso ao macaco primeiro, questiona ainda mais a nossa já relativa humanidade. Assim, atravessamos as paisagens de chumbo com as quais Adolfo Pérez Esquivel trança e trama o humanismo que é a sua maior marca, *vera* resistência de salvar, com mão limpa, o que da liberdade é só um grito no escuro. Que se chame estupro, seqüestro ou inveja; que se chame tortura, hipocrisia ou assassinato. Não importa o nome ou os nomes aos quais os nomes se filiem. O que vigora é o substantivo bem comum de nossa miséria: em tudo ou quase tudo à nossa volta, o ser humano dói e a aventura nossa sobre a Terra é uma ferida — reflexos dos tempos sombrios, cujo dossiê **Nicolau** abre para três páginas. Como "curar" o que no coração é só instinto e selvageria? Em vão esquemas preconcebidos e a concebida utopia tentaram até aqui livrar-nos do "mal". Seguimos, pois, por este áspero chão à prosa profana de Dalton Trevisan, ao traço torturado do máximo *fabbro* Poty, à vida escorpião vivo dentro do ovo no alarme do corpo que suicidas fazem. Vamos ainda, e mais: à violência pura lâmina sem plumas na escritura do jurista René Dotti, ao poder (reacionário) da linguagem que Teófilo Bacha Filho mostra e desmonta, à rima rara dos argentinos e ao ouro em pedra de sua ourivesaria. Em tudo e por tudo viver é tarefa extrema. Claro, há o futuro e é por ele que nos batemos ao pé da pauta, lavoura do sul nos julhos de brasileira geada. E sendo o futuro, segundo antigo rito persa, só uma coragem, impõe bater-se pela esperança, velha gasta de guerra, inscrita na grande arte feito um mastro de navio. Por ela e sempre, nós aqui, insistentes, nós de novo e outra vez, nós e os nossos poetas.

Wilson Bueno

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ
ROBERTO REQUIÃO
 SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
GILDA POLI
 SECRETARIA DE ESTADO DA JUSTIÇA
GOYÁ CAMPOS
 DEPARTAMENTO DE IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO
IRONDI PUGLIESI — Diretora
PAULO MARQUES — Diretor-Adjunto
CURITIBA, JUNHO/JULHO/81
ANO V — Nº 39
 publicação bimestral/distribuição nacional
 CONSELHO EDITORIAL: Wilson Bueno, Alice Ruiz,
 Manoel Carlos Karam, Hélio de Freitas Puglielli, Milton
 Ivan Heller.
 EDITOR
WILSON BUENO
 REDAÇÃO
FERNANDO JOSÉ KARL
 REVISÃO
ESTELITA SANDRA DE MATIAS
 PROGRAMAÇÃO VISUAL
JOBA TRIDENTE
 ARTE FINAL
CRISTINA HERRERA
DIVALDO LINS MACIEL
 FOTOCOMPOSIÇÃO
LUIS JOSÉ BRENDA
SUELI LOPES DE SOUZA
ELISABETE MANZI
RUBIA MARA CHARNESCKI
NICANOR PEDRO DA COSTA
ELIANE MEIRA GAIO
 REDAÇÃO: Rua Ébano Pereira, 240
 Curitiba — Paraná — CEP 80410
 Tel (041) 225-7117 TELEEX 416245

- Os conceitos emitidos nos artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores, não refletindo necessariamente a opinião deste jornal.
- O Conselho Editorial se reserva o direito de publicar ou não matérias não-solicitadas, bem como não se responsabiliza por sua devolução. Contribuições e sugestões de pauta deverão ser encaminhadas para o endereço do jornal.

nicolau



capa: foto de Luciana Petrelli

razão também fere

Evolução, revolução ou subver-
 são: nestas três palavras se condensou
 a nova sabedoria. O reinado da subjeti-
 vidade se iniciou como crítica dos pro-
 fetas; em seu apogeu se transformou
 em profecia e anunciou o advento de
 três acontecimentos diferentes mas de
 sentido semelhante: a república dos
 iguais, o progresso infinito e o reino
 do super-homem. Todas estas profecias
 são críticas, quero dizer: são projeções
 do espírito crítico e, além disso, sua
 realização exige a intervenção ativa da
 crítica. Com efeito, a revolução proletá-
 riária, a seleção das espécies e a subver-
 são dos valores são operações de ordem
 crítica: negam isto para afirmar aqui-
 lo. A diferença com relação à antigui-
 dade é impressionante: a analogia se
 constrói pela união ou correspondência
 dos contrários; a crítica, pela elimina-
 ção de um dos termos. Mas aquele que
 eliminamos pela violência da razão ou
 do poder reaparece fatalmente e assu-
 me a forma da crítica. A época que
 agora começa é a da revolta das realida-
 des suprimidas. Vivemos uma volta dos
 tempos.

Octavio Paz —
 escritor

terra distante

No Dia Mundial do Meio Ambien-
 te as emissoras de televisão não cessa-
 ram de mostrar imagens de queimadas e
 desmatamentos, sem dúvida uma viol-
 ência praticada diariamente contra o
 meio ambiente. Agressão ambiental
 maior, porém, raramente lembrada, é
 a inexistência de uma reforma agrária
 neste País. A questão fundiária é, possi-
 velmente, o mais grave problema am-
 biental no Brasil.

Por falta de terras, na década de
 70, pequenos agricultores e posseiros
 foram transferidos para a Amazônia,
 tendo como único apoio um machado,
 para cortar a floresta. Sem recursos,
 sem nada, foram acusados, mais tarde,
 de devastadores.

A violência diária que sofrem ho-
 mens, mulheres e crianças, nos acam-
 pamentos ou assentamentos, não pode
 ser esquecida. Se a reforma agrária saís-
 se do papel e dos discursos ninguém
 precisaria sair de sua região e os peque-
 nos agricultores produziram feijão, ar-
 roz, milho que, afinal de contas, é o
 que mata a fome, por sua vez a mais
 séria questão ambiental que o mundo
 enfrenta.

Malu Maranhão —
 jornalista



VIOLÊNCIA

tapas na cara

"Mulher gosta de apanhar". "Foi
 ela quem provocou". "No fundo, no
 fundo, ela gostou". Expressões como
 essas são comumente usadas na tenta-
 tiva de justificar uma das faces mais
 cruéis da violência em nossa sociedade:
 a violência que já faz parte do dia-a-dia
 da mulher brasileira.

Ofensas verbais, discriminação,
 estupro, espancamentos e assassinatos
 estão nas ruas, no trabalho e até dentro
 de casa, atingindo mulheres de todas
 as idades e classes sociais, com a com-
 placência — quando não com a compli-
 cidade — das instituições.

Mas é a própria mulher quem er-
 gue sua voz para exigir seu direito à
 segurança, à integridade física e ao res-
 peito que merece como ser humano.
 Denunciando e exigindo punição para
 seus agressores, a mulher chama a aten-
 ção da opinião pública para uma situa-
 ção insuportável.

Contudo, uma nova práxis social
 só resultará de uma educação para a
 igualdade, quando homens e mulheres
 forem respeitados em sua dignidade.
 Quando o diálogo prevalecer sobre a
 força. Quando todos os seres humanos,
 independentemente de sexo, puderem
 desenvolver plenamente suas potencia-
 lidades. Com certeza, seremos muito
 mais felizes.

Valéria Prochmann —
 jornalista

no limite do medo

O sociólogo Roberto da Matta — que ao que me consta, na linha de Antônio Ermírio de Moraes, foi um dos que acreditaram que a saída para o Brasil seria o Aeroporto do Galeão — adota a tese de que a revelação de uma sociedade se dá pelo que esta preza e sacraliza para a manutenção de seu bem-estar, assim como pelo que teme e despreza por constituir pecado, crime e violência.

O discurso predominante sobre a violência está ligado ao seu elemento definidor (do latim *violentia*), que significa força, ação inibidora de movimentos e direitos. Vou com Poulantzas: "A violência, tal qual hoje se manifesta, vai além da economia política, dos horizontes policiais, jurídicos e assistenciais" (é acaciano).

A dramatização do horror ao piveite cheirando cola ou o repúdio à abordagem do guardador de carros na porta do teatro tem justificado o sistema e acomodado as consciências. É a abordagem pelo vigilantismo: "Que venha logo essa polícia, que seja eficiente e onipresente, dura e violenta com os violentos que certamente são identificáveis pelo traje, aparência, cor e odor". Tenho ouvido muito esse tipo de comentário.

Acredito na possibilidade do espaço — quase o de um telegrama — de uma reação aos que pretendem mascarar o assunto como se fosse um simples caso policial e que, pela ótica das prisões e dos processos, querem transformar a realidade.

Enfim, com tantas desigualdades, nos comportamos como diferentes espécimes do reino animal. Interagimos pela desconfiança e insegurança, no limite das emoções e do medo, embora nas circunstâncias...

Mais não disse e nem me foi perguntado.

José Maria Correia — delegado de polícia



guerra dos meninos

A violência policial ou paramilitar não é destinada especificamente contra a criança. Mas esta torna-se, cada vez mais, sua maior vítima, com o crescimento do número de garotos e garotas que buscam na rua seu sustento, por falta de escola ou por necessidade de completar o orçamento doméstico.

O número de meninas na criminalidade é bem menor que o de meninos, segundo informações de policiais, educadores e juizados de menores. Estatística da Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro sobre homicídios dolosos contra menores, mostra que de cada dez mortes, uma vítima, apenas, é do sexo feminino. São raras as meninas que aparecem na lista de assassinatos por grupos de extermínio. Há duas explicações possíveis para isso: em primeiro lugar, a visão corrente entre os homens da "fragilidade feminina". E outra, a alternativa, para as meninas, da prostituição infantil, que vem crescendo em todo o País.

Os grupos de extermínio e os policiais que abusam do poder têm espaço para ousadias, não apenas porque contam com proteção oficial clandestina, mas também porque se sentem com respaldo da sociedade. Dirigentes de movimentos de Direitos Humanos são unânimes em afirmar: está cada vez mais difícil obter apoio para combater arbitrariedades policiais ou paramilitares. Simplesmente porque amplos segmentos sociais estão apavorados com os índices de criminalidade, justifica-se qualquer procedimento para se "limpar" a cidade. Há um clima de insegurança, de fato (basta saber que milhares de marginais, alguns deles perigosos, com mandato de prisão, estão soltos), mas esse clima é ainda mais estimulado pela imprensa e, às vezes, beira a histeria, especialmente nos programas policiais de rádio, muito populares.

É certo que não falta material para sensacionalismo. Nas principais capitais do País são registrados milhares de crimes contra a pessoa, por ano. Em São Paulo, em 1989, o número de crimes foi de 50.029, envolvendo furtos, assaltos, roubos, latrocínios e homicídios. No Rio de Janeiro, o número é ainda pior: de janeiro a novembro de 1989, segundo estatísticas da Secretaria de Segurança, foi morta uma pessoa por hora. Foram 61 roubos por dia, 8 furtos a cada minuto, 123 carros roubados por dia. Esses são apenas os casos registrados. A metade do número de vítimas não dá queixa, o que, por si só, indica a falta de crédito na polícia.

Uma parte desses crimes, em especial os mais leves, como furtos, é praticada por menores de idade. As estatísticas mostram que a maioria dos homicídios ou latrocínios é cometida por adultos, embora, segundo juízes de menores, também nessa área esteja crescendo a criminalidade infantil. Por conta disso, ganha respaldo, veladamente ou não, a operação de guerra contra os meninos de rua, condenados a sofrer todo tipo de abusos.

Gilberto Dimenstein — jornalista

MIRANTE



foto: Mecacheira

domínio excludente da escrita

Ubaldo Puppi

An-alfa-beto, palavra composta a partir do grego, designa aquele que pensa e se comunica "sem alfa beta". Com base no português, diríamos "sem á-bê-cê-dê", isto é, sem o domínio do abecedário; em suma, da escrita. Porque a escritura é a forma de grafia predominante, forjou-se o sinônimo "á-grafo".

As etimologias são sempre sedutoras, jamais suficientes, às vezes enganosas. Ao receptor cabe suprir o inexpresso e indizível na palavra e no sintagma, na frase e na oração, no texto ou contexto. Em parte, está em jogo o que a lógica clássica denomina suplência, e a boa filosofia, no todo, compreensão. Mais recentemente, foi bolado o seu equivalente, apercepção. Mérito da fenomenologia, particularmente de Heidegger e de seus seguidores, como Sartre, Merleau-Ponty, Ricoeur, entre muitos outros, é a recuperação do poder de penetração intuitiva desse conceito. Eu disse *desse conceito*. Devo acrescentar, porém, que a compreensão (apercepção), lá onde vigora, impregna e transcede todo o domínio do conceito e do discurso.

Exemplo trivial dessa asserção: não há analfabetos, assim como analfabetismo não é sinônimo de agrafia (aliás, a rigor, nunca ocorrem sinonímias). Com efeito, o chamado analfabeto tanto articula o alfabético (abecedário) fonético e o léxico vernáculo, quando fala, como também, quando escuta, faz a leitura auditiva da fala do interlocutor e da mídia (mídia) eletrônica. Ele sabe ler, portanto. Em grego e latim, nossas línguas mães, como também em alemão, ler significa, em primeira instância: colher, recolher, juntar, articular. Se, pois, o analfabeto junta fonemas em palavra, palavras em fala e falas em sentido intersubjetivo, emitido ou recebido, ele se revela competente para articular e ler a comunicação alfabética.

No que concerne ao chamado ágrafo, desde a recuada era das cavernas ele "grafitava" suas paredes com figuras de bisões e outras formas da representação simbólica de seu mundo vivido. A partir de então, se multiplicaram as configurações de grafias analfabetas.

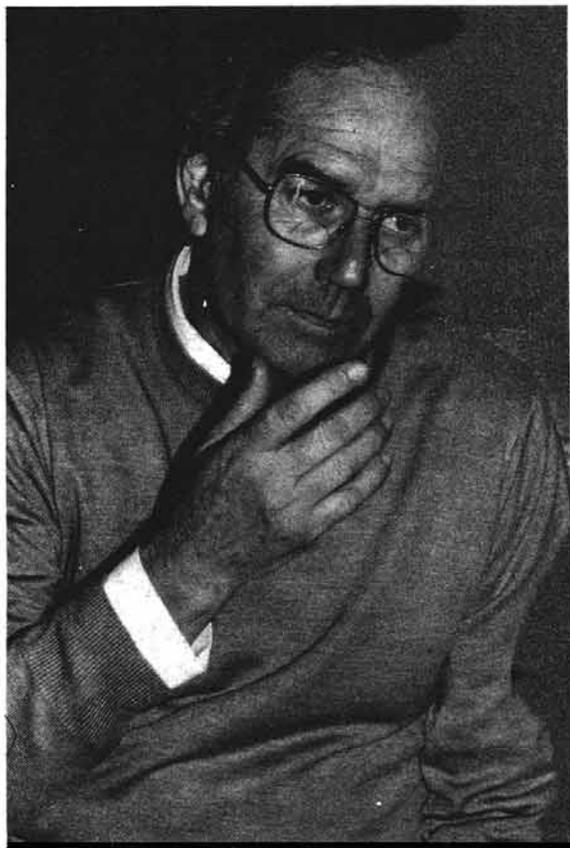
Em relação à escrita, é preciso reconhecer dois tempos: o antes e o depois da sua invenção. O antes nos devolve à pré-história; no depois, se estabelece o corte entre os-que-escrevem-e-lêem-escritos e os-que-não-e-não.

É tentador, mas falso, afirmar que o advento da escrita acarreta violência contra a memória da tradição oral. Violência se contrapõe ao que é natural ou inscrito na ordem da racionalidade; ora, a escrita, embora não sendo estritamente natural — é cultural, — situa-se na linha de progresso do ser humano. *Se verba volant scripta manent**, a partir da escrita a memória faz história e se faz história.

Por isso mesmo, na civilização escritural moderna, os chamados analfabetos são condenados à marginalização, pela violência institucional do domínio excludente da escrita. Trata-se, aqui, no mínimo, de uma recusa consentida ao espaço de liberdade e aos direitos vinculados à cidadania: políticos, culturais, sociais e econômicos, para cuja abordagem, em continuidade, passo o *calamus scribentis* a meus colegas do Nicolau.

* Tradução: "As palavras voam e os escritos permanecem".

UBALDO PUPPI, 66, nasceu em Curitiba/PR. Graduado e doutorado em Filosofia pela Universidade de Paris e professor titular da USP (aposentado). Entre suas publicações, *Itinerário para a Verdade* (Rio, Editora Agir, 1955), Prêmio Nacional de Filosofia. Foi diretor e colaborador da revista de filosofia *Transformação*, da USP, diretor da Biblioteca Pública do Paraná (1956-1959) e secretário municipal da Educação de Curitiba (1986-1988). Atualmente é presidente do Conselho Estadual de Educação do Paraná.



entrevista a Perla Melcherts

Representante do Serviço Paz e Justiça, organização latino-americana que prega o ativismo não-violento pelos direitos do homem, o argentino Adolfo Pérez Esquivel, 59, fez uma escala de dois dias em Curitiba a convite do Centro Heleno Frago de Defesa dos Direitos Humanos, dirigido pelo advogado Wagner D'Angelis. Ele veio ao Paraná após uma turnê pela América do Sul, a fim de conhecer a situação dos menores de rua, um problema que, para Esquivel, é o dramático retrato da situação social em que se encontra o Brasil. Este típico argentino de Buenos Aires, modesto, de voz baixa e semblante grave, falou com absoluta exclusividade a Nicolau sobre inúmeros temas, polêmicos todos, antes de viajar a Porto Alegre, onde participaria de uma Conferência Internacional de Juristas.

participação especial de Wagner D'Angelis

Adolfo Pérez Esquivel

paisagens de chumbo

De passagem por Curitiba, o argentino Adolfo Pérez Esquivel, prêmio nobel da Paz de 1980, falou com exclusividade para Nicolau. Em pauta, as duras paisagens: violência, meninos de rua, ditadura, os miseráveis, Golfo Pérsico, Muro de Berlim e pena de morte.

Nicolau — O que o senhor tem a dizer sobre a violência praticada contra os meninos de rua?

Afonso Pérez Esquivel — *Gostaria de sintetizar o problema em vários aspectos: em primeiro lugar, essa e uma questão estrutural, contida numa esfera de injustiça generalizada contra os nossos povos. As crianças não estão nas ruas porque querem, mas por uma situação familiar e social que as obriga a viver num estado de desamparo e marginalidade. Por isso buscam mecanismos de autodefesa, juntando-se em grupos e bandos, para poderem enfrentar a violência e agressividade das cidades. Para que o quadro seja revertido, cabe ao Estado organizar projetos alternativos que permitam às crianças um espaço de participação. O problema envolve também a sociedade, que parece ter-se imunizado frente à injustiça. É preciso compreender que são esses meninos que se encontram numa situação de perigo permanente, e não a sociedade. Esta, sim, pratica uma violência sobre eles. A polícia, que deveria ter uma função preventiva, exerce na verdade uma repressão sobre essas crianças. Elas precisam de ajuda, e a polícia as trata como bandidos. Esses meninos*

necessitam de espaços e condições não somente físicos, mas também psicológicos, jurídicos e econômicos. Os centros de Direitos Humanos, tais como o Heleno Frago, em Curitiba, têm um papel importante na articulação, coordenação e organização de programas para solucionarmos o problema.

Nicolau — Como analisar essa agressividade social generalizada no interior de processos democráticos?

Esquivel — *Nós todos, na América Latina, somos de ditaduras e entramos em processos democráticos. Mas são democracias mais formais que reais. Eduardo Galeano, escritor uruguaio, chamou-as de "democraduras" em seu livro As Veias Abertas da América Latina. Mudaram as formas de governo mas não alterou-se sua estrutura, que continua injusta. A violência contra as crianças é lamentável e existe em todos os países. Pode ser que aqui no Brasil tenha uma certa magnitude, mas a mania de meninos existe na Colômbia, no Peru, é um drama internacional. Por isso, creio que a Convenção da Infância, assinada em 1989 nos Estados Unidos, tem que tomar consciência da amplitude do problema. Existem muitas leis mas não há uma aplicação efetiva*

de justiça. Assim, muitos desses crimes permanecem impunes. É importante fortalecer os instrumentos jurídicos e sua aplicação. Há leis de proteção à infância que não são postas em prática. Tanto a declaração dos direitos da infância como a dos direitos humanos afirma que toda pessoa tem direito à saúde, educação e moradia digna. E isso não é uma realidade.

apenas um potencial 'eles' nos permitem desenvolver: o da miséria e da fome

Nicolau — Mas a Justiça não está muito comprometida com as tais "democraduras"?

Esquivel — A sociedade deve exigir do Poder Judiciário o cumprimento de suas obrigações. Por que, por exemplo, nunca se fala a respeito dos juizes, que parecem estar sempre em suas "torres"? É inconcebível que crianças sejam maltratadas, marginalizadas, abandonadas e exploradas como são, por exemplo, as meninas, na prostituição, no trabalho. Qual o futuro dessas crianças? Quando falamos de direitos humanos falamos também de democracia. Não são idéias separadas. Devemos retomar este último conceito se quisermos construir democracias reais, pois esta aí a semente do futuro das gerações do Brasil e de todo o continente latino-americano. Outro problema que coloco é o do tratamento dado à questão da saúde mental, nos chamados manicômios. Deve-se pensar numa nova política, em que a terapia da saúde mental seja aberta ao encontro de novos caminhos. O doente psicológico é também marginalizado pela sociedade. Creio que este é um outro problema social, que reflete as crises e angústias existenciais do nosso tempo.

Nicolau — Os países do Primeiro Mundo não teriam uma parcela de culpa pela situação que vivemos?

Esquivel — Essas denominações de Primeiro, Segundo, Terceiro ou Quarto Mundo nos dividem e separam cada vez mais. Para mim existe um só mundo, mal distribuído, com situações graves de injustiça. Há uma responsabilidade sobre isto, por parte dos países do Norte. Basta vermos a questão da dívida externa, à qual chamo dívida "eterna", por considerá-la impagável, além de imoral. Penso que já foi paga várias vezes. Essa é uma questão essencialmente política, de vontade política. É incrível que os governos latino-americanos não se unam para discuti-la. Cada um pensa que pode solucioná-la isoladamente e não encontra nenhuma saída. Todos os recursos saem de nossos países e nossos povos não podem usufruí-los. Somos países potencialmente ricos e temos possibilidades de uma vida digna. Mas o único potencial que nos dão direito de desenvolver é o do subdesenvolvimento.

Nicolau — Quais as conseqüências da união proposta pelo Cone Sul entre Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai?



Esquivel: humanismo e consciência crítica

Esquivel — Acho interessante a proposta de integração regional. Mas temos que analisar que setores vai beneficiar. O que acontece é que todo esse sistema econômico é injusto. É um capitalismo capitalista. Essa política e o capitalismo liberal fazem com que voltemos para um neocolonialismo. Enquanto não solucionarmos este problema a miséria continuará, porque não haverá meios para o desenvolvimento. Se nós, latino-americanos, temos capacidade de oferecer melhores condições de vida ao nosso povo, quem impede isso? Impediam-no as ditaduras que impuseram a dívida externa, e atualmente a política de ajuste, de capitalização e de privatização. Então nós, a cada dia, deixamos de contar com os recursos de que necessitamos. Não podemos esquecer fatos que aconteceram e ainda acontecem, como os saques a supermercados, feitos pela população em busca de alimentos, no Brasil e na Argentina. Cada vez mais caminhamos no sentido de uma involução, de um retrocesso. O que falta para o continente latino-americano é uma política global.

Nicolau — Houve um momento em que o maior problema ligado aos direitos humanos parecia ser a perseguição política. Qual a maior preocupação, hoje, com relação a esses direitos?

Esquivel — Durante a ditadura, lutávamos pela defesa da vida. Por uma vida com dignidade. Creio que neste momento a grande discussão deve ser centrada na pergunta: que tipo de democracia estamos construindo, e para quê? Que perspectivas temos que afirmar para a participação popular e para o nosso próprio desenvolvimento individual e coletivo? Quando penso na geração de novas condições de vida, relaciono direitos humanos à democracia, à justiça, aos problemas de impunidade que se generalizam por todo o continente e à participação popular.

Nicolau — Quais são as propostas e manifestos que poderiam surgir do nosso povo em relação às comemorações dos quinhentos anos de descobrimento do continente americano?

Esquivel — Em todo o continente latino-americano comunidades indígenas estão se organizando para uma reflexão

sobre esses anos de colonização, procurando propostas para o presente. Além desses, outros grupos estão refletindo sobre expectativas e alternativas a partir desses quinhentos anos. Com relação à dívida externa, a proposta seria o início de campanhas internacionais para que fosse anulada. Para que nos fosse "dada" como forma de pagamento. Como um meio de reparação aos danos morais e econômicos feitos ao continente latino-americano. A partir disso, a proposta é de que uma nova ordem econômica seja criada. Um problema importante, do qual não se fala muito nessas comemorações, é o que se refere aos negros, vítimas dessas invasões às quais chamam descobrimento da América Latina. Eles foram retirados de seu continente e escravizados no nosso. Hoje o negro é latino-americano e ninguém pode considerá-lo um invasor. Temos, portanto, que ajudá-lo a recuperar sua cultura. Nesses quinhentos anos, o grande desafio do nosso povo tem sido a resistência cultural, porque a dominação se dá também nesse sentido. Como, por exemplo, explicar o fato de os pobres votarem pelo opressor, durante as eleições? Qual é o seu modelo, sua referência? Temos que refletir sobre isso. O problema vem de uma falta de identidade cultural, do não reconhecimento dos próprios valores, o que faz com que assumam os valores do dominador.

nesses quinhentos anos o desafio do povo tem sido a resistência cultural

Nicolau — Com a queda do Muro de Berlim e o fim da Guerra Fria, houve uma mudança dos conceitos de esquerda e direita?

Esquivel — Creio que o problema da América Latina é o da questão ideológica. Depois da queda do Muro de Berlim, a política dos blocos colocou em questionamento muitas coisas, inclusive a nova conformação internacional. Para a América Latina isto possibilita diferentes leituras. Uma delas diz respeito à situação de dependência do nosso povo, de hegemonia dos Estados Unidos. A outra parece mostrar que a única condição válida, agora, é a do capitalismo liberal. Hoje reduzem o socialismo ao que foi o autoritarismo soviético. Isto coloca em questionamento o que se fala das organizações de esquerda. Quais são os parâmetros que as esquerdas possuem para gerar novos modelos sociais, políticos e econômicos, frente à queda de um dos blocos do socialismo? Então vejo isto com muita dificuldade, porque dentro das esquerdas, na América Latina, existe uma discussão interna muito forte que me parece expressar uma crise de identidade. O caminho para solucioná-la passa pelo redescobrimto do conceito de identidade cultural dos nossos povos, pela participação popular e pelo reconhecimento da importância de ser dono de sua própria história, do seu

próprio destino. O que acontece é que o povo nunca atuou como protagonista de suas próprias histórias.

Nicolau — A falta de acesso do povo à cultura não seria uma forma de restrição à sua liberdade?

Esquivel — Podemos chamar isso de uma "suspensão das consciências", em que as coisas são aceitas através de uma imposição informativa ou manipulação. Quando algo está dito em termos gerais todos aceitam. O que nos falta é uma consciência crítica coletiva, que está ligada à educação e à formação da sociedade. A solução necessária é uma educação mais participativa e liberadora, tanto no ensino formal como na educação dita informal.

Nicolau — Durante a Segunda Guerra Mundial, a matança dos judeus foi repudiada pelos povos. Hoje, o que acontece com os curdos, por exemplo, parece não despertar a mesma indignação, como se as pessoas estivessem imunizadas contra a tragédia e a desumanidade. Isto pode ser atribuído, entre ou-

tros fatores, aos meios de comunicação? Houve uma banalização das palavras e imagens, gerando essa insensibilidade?

Esquivel — Na minha opinião, isto ocorre porque a maioria dos meios de comunicação está nas mãos dos que controlam e manipulam a informação. Um exemplo bem concreto vimos recentemente, durante a guerra no Golfo Pérsico. Uma guerra cética, de alta tecnologia, em que o ser humano não contou. Por fatos como esse é que temos que procurar recuperar a identidade que as palavras e imagens possuem no interior das nossas culturas.

na guerra do Golfo o homem foi eclipsado pela alta tecnologia

Nicolau — Qual é o papel da Teologia da Libertação e da Igreja como um todo, diante de algumas tendências religiosas alienadas e mesmo comerciais?

Estamos retornando à Idade Média, quando vendiam-se terrenos no céu, aos fiéis?

Esquivel — Os teólogos da Libertação interpretam o caminhar dos cristãos no continente. A Teologia da Libertação não é uma teoria. Surge de uma prática. Da práxis do povo. Ela sofre a mesma dinâmica de evolução da vida do povo de Deus. Neste momento, está se aprofundando numa leitura da nossa realidade no que se refere à espiritualidade e libertação. Isto está vivo nas pessoas, por mais que o Vaticano queira punir Leonardo Boff, que tem a grande virtude de interpretar, à luz da fé, o que está acontecendo com o povo latino-americano. Por outro lado, assistimos à penetração de seitas religiosas e de setores religiosos alienados. O caso mais concreto ocorreu com Reagan, ex-presidente dos Estados Unidos, que formou um centro chamado "Religião e Democracia", introduzindo-se com muito dinheiro e com o fim político de destruir o trabalho liberador da Igreja

no continente latino-americano. Dentro desse contexto, entraram as igrejas eletrônicas e um monte de seitas com muito poder econômico, que agem no sentido de destruir as comunidades de base, as organizações populares de raízes cristãs e os setores da Igreja ligados ao povo. Por isso, nas informações da Santa Fé feitas pelo Pentágono, Rockefeller dizia que o grande perigo para a América Latina não era tanto o comunismo, mas a Igreja. Penso que a Teologia da Libertação tem muito que ensinar aos povos. Gustavo Gutiérrez, Leonardo Boff, John Sobrino e muitos outros teólogos da Libertação sabem como interpretar sua voz e desta maneira ajudá-los a uma conscientização.

Nicolau — Que aspectos do senhor destacaria na arte popular latino-americana, atualmente?

Esquivel — Talvez os povos tenham sofrido muitas frustrações em sua esperança com as democracias, e criou-se muito pouco de democracias das ditaduras. Além disso existem as urgências da vida, o fato de se ter que jantar todos os dias, as necessidades imediatas. O povo, para se organizar, precisa de motivações. Hoje, creio que até mesmo os dirigentes ainda não encontraram essas motivações.

sou contra a pena de morte num mundo já com tantas mortes

Nicolau — Qual a influência de Henry Moore em seu trabalho como escultor e especificamente em sua obra "Monumento à Mãe Argentina"?

Esquivel — Considero-o um escultor que faz grandes relações de forma no espaço, com uma sensibilidade muito próxima da dos povos. Apesar de algumas vezes essas formas ganharem uma dimensão abstrata, são todas muito sensíveis. Venho de uma geração, dentro das artes plásticas, em que essas trocas cósmicas são muito expressivas. A maneira pela qual me exprimo está orientada para que traduza a vivência dos povos latino-americanos.

Nicolau — O senhor, naturalmente, é contra a pena de morte...

Esquivel — Sou contra a morte. Sou pela vida. Acho desnecessário legislar a pena de morte. Já temos muitas mortes. Os povos devem defender a vida.

Nicolau — Qual foi o significado do Prêmio Nobel da Paz, em 1980, para o senhor?

Esquivel — Para mim é um instrumento a serviço dos povos. Enquanto servir para a paz terá sempre um sentido. Não o assumi a título pessoal. Não mereço nenhum prêmio. Assumi-o em nome de todos os povos da América Latina.



um homem de olhos mansos

Nascido em Buenos Aires/Argentina, no dia 26 de novembro de 1931, Adolfo Pérez Esquivel é arquiteto e professor de escultura. Segundo argentino a receber o Nobel da Paz (Carlos Saavedra Llamas já o recebera em 1936, por sua mediação na Guerra do Chaco), Esquivel, casado com a musicista Amanda Garreño, tem três filhos. Abandonou por algum tempo o ensino para se tornar, como ele próprio diz, um *satyagrahy*, ou seja, um militante da não-violência. Sua luta em prol dos Direitos Humanos iniciou-se a partir de 1971. Neste ano passou a defender o desarmamento, a não proliferação nuclear e as reformas sociais. Em 1977 tornou-se secretário-geral do Serviço Paz e Justiça na América Latina (Serpaj). Escreveu apenas um livro, *Cristo de Poncho* (1981), em que conta a experiência de luta daquela organização. Como artista plástico destaca-se a sua *Via Sacra* latino-americana, que consiste num conjunto de 14 quadros onde coloca Cristo no contexto do mundo moderno (há um quadro, por exemplo, em que Jesus está carregando a cruz no Viaduto do Chá, na cidade de São Paulo). Conferencista em vários países — entre eles Alemanha, Japão e França —, Esquivel, por suas ligações internacionais, tornou-se um instrumento de luta sobretudo para os 15 mil presos políticos e familiares dos 6 mil desaparecidos em seu país. Dono de refinamento cultural singular, adversário inabalável das truculências militares na Argentina, ele lembra muito o cristão dos primeiros tempos, disposto ao franciscano voto de pobreza dos mosteiros. Atualmente Adolfo Pérez Esquivel mora num modesto sobrado (levantado por ele mesmo, com tijolos que, também ele, moldou à mão), na Calle México, em San Telmo, Buenos Aires. Para o Prêmio Nobel da Paz do ano que vem, Esquivel acaba de indicar o Bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia (MT) d. Pedro Casaldáliga.

PERLA MELCHERTS, 20, é jornalista.

violência sem plumas

Jurista de prestígio internacional, René Ariel Dotti fala, sem ademanos, de um dos mais polêmicos instintos: a violência.



René Ariel Dotti

Sugeriu-me o editor Wilson Bueno a redação de um artigo abordando a violência não institucional. E adiantou-me o título que escolhera para o texto: "Violência sem plumas".

Evidentemente, com tal *chamada* pretende-se evitar a abordagem do tema com o adorno produzido pela pena de uma ave. No caso, o *enfeite* estaria na lei como expressão (possível) da comunidade em determinado tempo e lugar ou em outros invólucros que mascaram e transportam os gestos e as situações de violência.

Antes de ser definida através das leis de modo geral e das leis criminais, em particular, a violência é uma ação contrária à ordem ou à disposição da natureza como a concebia Aristóteles, distinguindo o movimento segundo a natureza e o momento conforme a violência. Sob outra perspectiva, a violência é toda ação contrária à ordem moral, jurídica ou política. Mas quem garante que a reação contra tais ordens, quando injustas e opressoras, caracteriza a violência? Ou existe uma violência a favor das grandes causas, assim como afirmou Alberto Sorel ao escrever que o socialismo deve à violência

os altos valores morais com os quais oferece a salvação ao mundo moderno (*Réflexions sur la Violence*, 1906)?

E o que dizer da violência das leis?

Em página antológica Leon Tolstói proclama: "As leis são regras feitas por pessoas que governam por meio da violência organizada, as quais, quando não as acatamos, podem fazer com que se sofram pancadas, a perda da liberdade e até a morte" (*A Escravidão do nosso Tempo*, 1900).

A violência é o universo infinito das possibilidades naturais e humanas, fenômeno indefinível à luz exclusiva da razão e somente identificável pelos sentidos como transformação da realidade através da força.

Insuscetível de ser confinada nos territórios demarcados da geografia das ações humanas e impossível de ser reconhecida em função de critérios lógicos ou estéticos, a violência é uma situação de coisa ou um estado do ser.

Essa e outras especulações transgridem as fronteiras da imaginação quando o mundo feito de realidade e valor se desprende das leis de gravidade e faz a viagem do infinito pelo tempo e pelo espaço.

A violência está nas entranhas da alma assim como a doçura pode ser encontrada em todos os purgatórios concebidos pelo homem.

Mais difícil que tentar explicar a origem das espécies é a busca de um conceito fundamental de violência que liberte o nosso espírito das dúvidas e dos tormentos da ignorância.

Quando o assunto envolve a violência não institucional, surge um novo continente de situações que nos conduz para as moradas do desconhecido e coloca sob suspeição todos os valores que nós acreditávamos serem definidos e vigorosos.

Esta convicção, essa fé em determinados valores, é também fruto da violência imemorial que modelou os conceitos transmitidos pela civilização.

É um dos exemplos da violência não institucional.

RENÉ ARIEL DOTTI, 57, nasceu em Curitiba/PR. Jurista e advogado criminalista de renome internacional. Professor titular de Direito Penal da Universidade Federal do Paraná. Membro da Sociedade Mexicana de Criminologia e da Associação Internacional de Direito Penal. Co-autor do Projeto de Reforma do Código Penal Brasileiro (Lei nº 7.209, de 11 de julho de 1984), da Lei de Execução Penal do Brasil (Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984), e do anteprojeto da nova lei de imprensa (Comissão da Ordem dos Advogados do Brasil). Ex-magistrado do Tribunal Regional Eleitoral do Paraná. Ex-secretário de Estado da Cultura do Paraná. Faz parte do Conselho Diretor do Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente (órgão da ONU), com sede na Costa Rica. Tem publicados, entre outros livros, *Proteção Penal do Meio Ambiente* (1978), *Bases Alternativas para o Sistema de Penas* (1980) e *Proteção da Vida Privada e Liberdade de Informação* (1980).

Nós sob o Arco do Triunfo.

Andanças e peripécias de uma curitibana na França. Lucille Saporski conta quase tudo num diário pontuado por toques de irreverência e poesia.

Lucille Saporski

Paris, 28/dez./90, sábado, 20h30 — O céu sem luz de Paris. Eu a bordo do Boeing 737 da Air France espio a Torre Eiffel, os colares de um trilhão de luzes que é a Paris noturna. No meu corpo, dormindo à sombra, imagens de Curitiba. A aeromoça mexicana indica a hora do pouso. O avião desce macio no Aeroporto Charles de Gaulle. Primeiro dia na Velha Paris.

03/jan./91, quinta-feira, 08h00 — Estou em Marais, antigo reduto da nobreza francesa. Le Marais é o *quartier* da cultura, *couture* e *cuisine*. Nenhum feno ondula por aqui nem ouço missionários vindos da China. O Marais é o centro *nouvelle vague* da cidade: romântico, românticíssimo. Tomo café num terraço que o vento varre com os cataventos invisíveis. Olho pra rua lá embaixo e percebo que é em Paris que os sonhos loucos fluem com delicadeza. É neste bairro, que alguém chamou de Marais, que deslizo junto às folhagens do Restaurant Cacher: comida boa, camarão cru com cara macia me dá saudades do mar. Depois do almoço os deuses daqui estimulam a *mauvaise conscience*. Abro um livro, fecho. Conhecido como o bairro judeu de Paris. Le Marais tem pequenas sinagogas, boutiques de estilistas e bares mexicanos. Um velho de longa camisa branca (parecia uma nau do descobrimento), num desses bares mexicanos, grita: "Aiô Aiô Palomita!" O melhor para conhecer Marais é começar pela estação do metrô Saint-Paul, na Rue de Rivoli, onde, em 1950, André Breton pintara um chapéu de amarelo. Depois conheci a Place des Vosges e as asas do chafariz me molharam inteirinha. É a praça mais linda de Paris.

06/jan., domingo, 15h00 — Encontrei uma bicicleta azul em Montparnasse, tão azul que nem precisava ser triste. Bem ao longe surge o sol entre as ferragens da Tour Eiffel. Amanhã vou ao Louvre.

07/jan., segunda-feira, 17h00 — Louvre aqui estou. As maçãs de Cézanne vibram em mim com sua carne rouge.

09/jan., quarta-feira, 09h15 — Faço um piquenique no enorme Jardin du Luxembourg (no bairro Rive Gauche): fecho os olhos pra ver balões, depois, levantando as crinas do cavalo furioso, fico tímida e penso na frase "a tranquilidade dos assassinatos antigos": o Dalton Trevisan é que ia gostar. Além de piqueniques o que se pode fazer em Paris a esta hora? Ir ao zoológico? Marcelo me convida para irmos a Lyon. Quem sabe?



É em Paris que os sonhos loucos fluem!

Lyon, 10/jan., quinta-feira, 08h00 — O nome do parque é Tête d'Or (Cabeça de Ouro). Leva este nome porque há uma lenda que diz existir, enterrada em alguma parte do parque, uma cabeça de Jesus Cristo, em ouro. É o segundo zoológico do mundo. Aqui, entre amigos brasileiros, a felicidade é grande: falar português. Este corredor rodeado de árvores é uma espécie de Barigüi, onde as pessoas andam, brincam, correm.

Toulouse, 15/jan., terça-feira, 15h00 — Só esperando o trem. Tédio. Tédio. Tédio. Um garoto me empresta uma revista e eu pesco numa conversa ao lado o seguinte fragmento: "O mundo não deve ser tão velho assim, porque os homens ainda não aprenderam a voar".

Horas depois — Começa a guerra do Golfo. Estou num bar chamado Lua Selvagem e telefono pro meu pai. Ele reclama porque liguei e me manda pra puta que o pariu. Será a guerra ou o humor de sempre do irascível Saporski?

Avignon, 16/jan., quarta-feira, 13h00 — Andei pelo parque onde andou Racine. Um relâmpago ilumina o vento desta cidade: inspiração para um dos quadros mais famosos de Picasso, *Les Demoiselles d'Avignon*. Ai que saudades de Curitiba. Da Rua das Flores. Eu pareço estar no meio do futuro. O que sei agora: estou solitária numa cidade da França. Eis.

Suíça (Genebra), 17/jan., quinta-feira, 17h50 — Várias coisas aconteceram: minha visita à exposição de Chagall (sua fase azul) com os quadros belíssimos *Adão e Eva*, *A Criação* e *Moisés* (entre outros). Se intitula fase azul porque o fundo dos quadros é sempre este. Fui também a um concerto de Mozart,

próximo a uma pequena igreja russa. No meio do adágio para duas vezes e piano a igreja passou a tocar sinos. A pianista italiana teve que parar o solo de Mozart até que cessassem. Depois visitei o Museu de História: ali pude tocar um quadro que mostrava um barco antigo com a seguinte inscrição na proa: *Fureur et Mystère*. Se ensolarar amanhã, retorno a Paris.

Paris, 21/jan., segunda-feira, 14h00 — Olha eu aos pés da Torre Eiffel. Gustave Eiffel, para construí-la, soube usar com apuro estilístico seu encanto natural, que por si só traduz toda uma civilização, uma cultura própria do ambiente de Paris, de cuja inteligência, durante anos, o arquiteto se tornou símbolo. A torre foi dedicada, no dia de sua inauguração, ao cãozinho de Gustave: Jinny.

29/jan., terça-feira, 11h00 — Pelas *ramblas* da Place de la Bastille: o que há de mais incrível e badalado em Paris. Há alguns anos a Bastilha tinha a fama de ser um *quartier* de imigrantes, o ponto dos motoqueiros com jaquetas de couro. Hoje artesãos vivem lá, trançando vimes e fios de lã. A Bastilha, de dia ou de noite, o melhor lugar pra se perder em Paris, pra sentir o ar de Paris. Bares com vidro fumê, bistrôs, ruas com pedras arredondadas: Bastilha, um bairro que conserva o ar de *village* em cada pequeno detalhe dos bares e bistrôs. Por aqui, numa Paris efervescente, formigam galerias de arte. A Rue de Lappe é o nervo circulante da vida noturna na Bastilha. Quem vier a Paris não esqueça: as galerias realizam noites *open-house*, as ruas inundam-se de gente a fim de cultura e drinques com cereja. Na Rue de Charonne os homens doem como "limões novos". Todo o mundo é lindo depois das sete da noite.

03/fev., domingo, 09h00 — Montparnasse é Montparnasse. Eslavamente deslavada, sorrio do ouro ou para o ouro que o sol dá aos muros. Arremedos férreos de *art nouveau*. De tijolos se fazem os muros, marcos de boemia. Penso em pés de antigos poetas, deviam ser pés tão humanos como os nossos. Merda de Montparnasse deve ter o mesmo cheiro em qualquer lugar. Merde!... como é bom dizer merde... Nem tudo que reluz é sol. Aquele espécime tão típico por essas bandas, que corre por cima dos muros, não o faz em busca do ouro, mas sim porque adora o silêncio: aquele espécime é um gato.

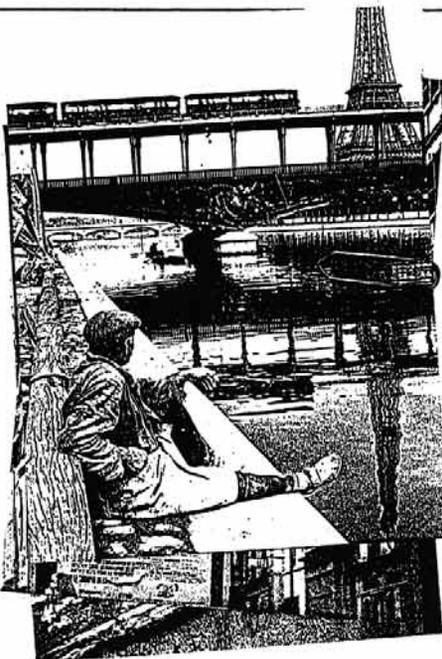
17/fev., domingo, 15h30 — *Dimanche*. Palais Royal. Em frente ao Palais Royal um velho alimenta pássaros na mão e assobia pra eles. Veste-se de verde "mílico"/ bobo da corte Luis XV, perdido neste século e vendo passarinho verde. Os vendedores de milho que alimentam as fotos dos turistas devem alimentar a merda que as aves produzem. Merde para eles!... Olha o passarinho. "Estivemos no Palais Royal onde morou a famosa escritora Colette. Uns cilindros no pátio, todos listradinhos, servem de pedestal para as fotos: eu estive aqui". O sol, já em fim de tarde, também esteve aqui, aquecendo um mármore secular, realçando um casaco vermelho suspenso na mão.

18/fev., segunda-feira, 16h00 — *Café noir*. Eu no Les Halles, *again*. Todos os parisienses parecem já ter nascido com mais de trinta, mas sem nunca perder a classe. Que estou fazendo aqui no Les Halles? Franceses inconfundíveis, os narizes, saltos altos e, sobretudo, sobretudos. Que o mundo venha até nós... Paris espera, com grades discretas e redomas na História, mesmo nas *places*, viva as diferenças! Todos os tipos humanos, andróides, andróginos, coabitam. Mas quando eu toquei uma estrutura ela disse: merde!

28/fev., quinta-feira, 09h15 — Maratona? Romaria? Não! Sou eu de novo no Louvre. Visitar este "albergue" da História num só dia... Ver, pela ótica da arte, todo o percurso dos homens. Não é por menos que, polêmicas à parte, uma pirâmide foi construída ao lado do museu: para "energizar" os exaustos turistas que por ali transitam. Tudo passa a ser a mesma coisa. O cara levou meses pintando os quadros, e eu olho mas não os vejo. Séculos em décimos de segundo. Nada como os rostos góticos, os perfis gregos, as bundinhas italianas bem vivinhas a se deliciar com a arte. Uma bunda de carne a contemplar uma bunda de mármore faz meu tempo parar. Este pessoal que visita o Louvre: uma dança de formigueiro que vem beber, em segundos, milênios de arte. Chapada, bebo um café, com toques de rococó e *art-déco*. *Café affaire*.

11/mar., segunda-feira, 13h00 — *Après-midi*, só para curtir a paisagem. Montmartre é fulgurante. As arestas de suas esquinas: minúcias, detalhes nobres, vidraças limpinhas: vitrinas tentadoras. Deveria eu maquiá-lo para mirar nelas? Frisos dourados. Ser *voyeur* em Paris tem múltiplos porquês. *Frisson*. Sedução. Viajo na imagem de um gatinho montmartreano, um gatinho angorá, cinza, ao lado de um vaso de flores. É uma vitrina? Não... apenas uma *fenêtre* a mais. Tem coisas, em Montmartre, que você só vê quando anda sozinha.

20 mar., quarta-feira, 22h00 — Não mais sozinha. Meu primeiro namorado em Paris tem um nome: André. Tudo está pronto por aqui. Por que você está com medo, André? Tudo bem... tua boca não foi feita em Paris, mas eu me apaixonei por ela. Seus olhos estão com fome. As *boulangeries* (nossas populares panificadoras) elevam os pães à categoria de obras de arte. *Baguettes* são como obeliscos. As "panificadoras" aqui só vendem pães. Panificadoras são



A Torre Eiffel molhada no
Simples Sena. O pássaro in-
visível conduz o tiem...

lugares alegres. O cheiro é tão bom... convidativo. Fico sem jeito quando te digo "faz tempo que eu não comia um broto" (de feijão) e você me responde: "Fico lisonjeado...". Também fico, quando me diz após transarmos: "Hoje eu percebi, você tem dois lados: fogo no rabo e postura zen, vertical". Zen? Estamos em Paris, isto é um diário íntimo, e eu vou tomar um banho com esta luz que vem lá de fora. Estamos em Paris. Igreja do Sacre Coeur, onde se aloja pelas ruelas a inspiração da vanguarda: pintores, escritores, poetas, músicos, pagadores de promessas, comedores de histórias e outras histórias. Está escuro, os signos e os habitantes da noite acendem seus faróis. Ai de nós...

29/mar., sexta-feira, 14h00 — Os chamados *marchés aux puces* (mercados das pulgas), uma espécie de feira, como a dos domingos lá em Curitiba, atraem pencas de turistas todos os dias. São ambientes perfeitos para quem deseja levar imitações de vasos raros chineses, tapetes persas e para os que procuram uma boa barganha. Os franceses adoram essas feiras. A maior de todas, a grandona mesmo, é a de Clignancourt. A melhor e mais visitada é a de Vanves: mistura exata de bancas caras e de vendedores de quinilharias, além de ter um espaço especial para os artistas venderem suas obras. Delícia pura este lugar de infância e insolência.

10/abr., quarta-feira, 09h00 — Arco do Triunfo. Um vento gelado (fininho) desmonta minhas últimas resistências. Só penso em café aqui embaixo. É um arco bonito, mas fiquei decepcionada com a sujeira nas bordas. É um arco do triunfo e até acho que a sombra que vi no canto esquerdo do arco é uma sombra da sombra de Napoleão Bonaparte. Lembrei de filmes que vi sobre a Segunda Guerra Mundial. Charles de Gaulle passando triunfal na Paris libertada. Aponto o lugar por onde ele passou, emocionada.

28/abr., domingo, 15h30 — Enfim, no cemitério Père Lachaise, bairro de Belleville. O fraco sol deste outono confere uma luz toda especial a esta tarde parisiense. A paisagem me sugere um quadro de Ernig Kratz, com os tons e semitons que foram sua maior marca. Lembro, com súbita nostalgia, de tardes outras e tão antigas: o tempo em que, com Marisa, Paulo, Pedro e Neiva vasculhávamos as tortuosas aléias do Cemitério Municipal, em Curitiba. Num misto de riso e não revelado terror, reverenciávamos, de tumba em tumba, da poesia esotérica de Dario Velozzo à irreverência do poeta Emílio de Menezes. Procuro avidamente, aqui em Père Lachaise, memórias menos óbvias: onde estará, por exemplo, o túmulo — nesta caótica cidade dos mortos — daquele velho alquimista Allen Lívius, citado com frequência amorosa nos alfarrábios guardados a sete chaves por Fulcanelli, na Biblioteca do Vaticano? Claro, isso eu sei de referências e de ouvir falar. Nem sei se o velho Allen está mesmo sepultado em Père Lachaise. Mas o guarda me informa que logo adiante, onde uma pequena multidão se acotovela com o colorido meio encardido das tardes de primavera parisienses, está sepultado nada mais nada menos que Oscar Wilde. Pouca francesice neste guarda que me indica o túmulo do inglês, ainda que adotado pela Velha França. Centenas de grafitos se inscrevem no túmulo de Wilde em diversos idiomas, e todos falam, sem exceção, do amor de algumas gerações a este poeta singular da língua inglesa. Se ainda der tempo, amanhã — prometo a mim mesma — voltarei ao Lachaise sobretudo para ver de perto o sonho em granito do divisor de águas Marcel Proust.

07/maio, terça-feira, 19h00 — Últimas impressões de viagem. Adeus, adeus, minhas torres, meus bairros, meus metrô. Último poema em Paris: "Todo risco vale a luz da Torre Eiffel sinalizando rodovias./Canteiros de estrelas nos acostamentos./ Único acesso à chuva de astros./ aos caprichos da primavera./ A velocidade é cega/ orquestra regida por uma conspiração de luz". Parece que em Paris todos os garotos têm cabelo lambido. Franjinhas. A sobriedade mora e circula nas artérias. Toldos discretos. Nenhum papel de bala no chão. A decadência se dissipa quando vejo o charme do campanário em ouro e azul. O monumento-mor da Revolução Francesa (derradeiro ponto turístico que vejo aqui na França). Queda da Bastilha, é um obelisco (homenageando mortos) com um anjo equilibrista no alto, que concorre com as árvores sem folhas e um poste esguio, prestes a compactar com o rótulo: Cidade Luz.

16/maio, quinta-feira, 20h30 *Tristesse. Last day in Paris*. Muitos amigos, que loucura, muitas histórias. "O coração não aguenta tanta amargura". Chegar, partir. Recordo, agora, através de textos de Murilo Mendes, o que não pude contar neste diário doído, pela ordem: 1 — As espíes, em Paris, durante o dia permutam seus sonhos. 2 — Dobrando a saia de vidro azul, a médium de Montmartre Madame Récamier abana-se com uma borboleta gigante. 3 — A noiva do vento de Montparnasse assobia para os pássaros rotativos *La Carmagnole de l'Amour*. 4 — A cabeça de Sartre serve-se bem fria, o olho ruim inclusive, com vinagre e conhaque, numa bandeja guarnecida de existencialismo. 5 — Em Père Lachaise os labirintos voam de noite e repousam de dia. E é só! Pra quem fica, um abraço. *au revoir, excuse moi, petit pois*.

LUCILLE SAPORSKI, 30, nasceu na Vila Parolin, Curitiba/PR. Formada em Jornalismo pela UFPR, fez pós-graduação na Universidade de Sorbonne, Paris/França. É autora, entre outros, dos livros *Salimbancos em Montmartre* e *A Constelação atrás dos Muros*.



Em tradução rigorosamente inédita para a língua portuguesa, três russos,



НАТЕ !

Через час отсюда в чистый переулочек
вытечет по человеку ваш обрюзгший жир,
а я вам открыла столько стихов шкатулок,
я -- бесценных слов мот и транжир.

Вот вы, мужчина, у вас в усах капуста
где-то недокушанных, недоеденных щей ;
вот вы, женщина, на вас белила густо,
вы смотрите устрицей из раковин вещей.

Все вы на бабочку поэтиного сердца
взгромоздитесь, грязные, в калосах и без калес.
Толпа озверевет, будет тереться,
ощетинит ножки стоглавал вощь.

А если сегодня мне, грубому гунну,
кривляться перед вами не захочется - и вот
я захохочу и радостно плюну,
плюну в лицо вам
я -- бесценны слов транжир и мот.

Владимир В. МАЯКОВСКИЙ

alarme do corpo

VLADÍMIR MAIAKOVSKI, Bagdádi/URSS, 19 de julho de 1893. Adere aos quinze anos ao Partido Socialista Russo. Em 1911 conhece David Burluk, que o convence de sua vocação poética. Dessa relação nasce, em 1912, o futurismo russo. No ano de 1915 fixa-se em Petersburgo e publica os poemas *A Nuvem de Calças* e *A Flauta de Vênetras*. Entre 1926 e 1930 realiza conferências e recitais por toda a URSS. Maiakovski constitui um fenômeno extraordinário da poesia mundial. Homem enorme, de voz troante, polemista implacável, artista-plástico de mérito e ator de grandes recursos. Grandiosa e "vulgar", retórica e coloquial, sua linguagem explora todos os filões da língua russa. Vladimir Maiakovski suicida-se em Moscou/URSS no dia 14 de abril de 1930.

MARINA TSVETÁEVA, Moscou/URSS, 8 de outubro de 1892. Começa a escrever aos seis anos. De temperamento fortemente individualista, opõe-se desde o início à Revolução de Outubro. Apesar disto, as Edições Estatais publicam dois livros seus, *Versty* (Versta) e *Tsar'-Devitsa* (A Virgem Rei). Em 1922, Tsvetáeva deixa a URSS e passa algum tempo em Berlim, Praga e Paris. Nesta última cidade sua relação com os emigrantes russos pouco a pouco se deteriora. Conhece fases extremamente difíceis, beirando a miséria. Regressa à URSS em 1940. Pouco tempo depois tem a dura experiência da guerra. Sua enorme produção poética caracteriza-se pelos temas trágicos e fatalistas e por um domínio da linguagem clássica russa. Marina Tsvetáeva suicida-se em 31 de agosto de 1941 na cidade de Ielabuga/URSS (República Autônoma do Tártaro).

SERGUEI ESSÊNIN, Constantinovo/URSS, 3 de outubro de 1895. Muito jovem, em Petersburgo, causa furor com suas poesias. Em 1912 transfere-se para Moscou e conclui a Universidade de Chaniavski. No ano de 1915 muda-se para Petrogrado e sob a influência de Alexandr Blok publica seu primeiro livro, *Padunitsa* (festa popular) e liga-se ao movimento imagista. Dois anos depois participa da Revolução de Outubro. Em 22 casa-se com a célebre Isadora Duncan, com quem viaja algum tempo pela Europa e EUA. Após a ruptura com Isadora, regressa à Rússia e entrega-se ao alcoolismo. Original, delicado, lírico, Essênin foi e segue sendo um poeta amado pelo seu povo, autor de versos humaníssimos, atravessados de tristeza e epifania. Suicida-se na noite de 27 de dezembro de 1925 na cidade de Leningrado (atual Petersburgo/URSS).

NOTA: Algumas pesquisas recentes na URSS levantaram a hipótese de que o suicídio de Essênin tenha sido uma *mise-en-scène* montada pela KGB. Atraído por um "amigo" para encontro num quarto do Hotel Angleterre, o poeta teria sido torturado e enforcado.



ПИСАЛА Я НА АСПИДНОЙ ДОСКЕ

Писала я на аспидной доске,
И на листочках всеюв
поблеклых,
И на речном, и на морском песке,
Коньками по льду и кольцом
на стеклах,

И на стволах, которым сстни
зми ...
И наконец - чтоб было всем
известно !-
Что ты любим !любим !
любим !любим !-
Расписывалась радугой
небесной.

Как я хотела, чтобы каждый
цвел
В веках со мной !под
пальцами моими !
И как пстом, склонивши лоб
на стол,
Крест-накрест перечеркивала имл.

Но ты, в руке продажного
писца
Захотел ! ты, что мне сердце
калшь !
Непроданное мной !Внутри кольца !
Ты -- уцелсеши на скрижалях !

Марина И. ЦВЕТÁЕВА



Я ПО ПЕРВОМУ СНЕГУ БРЕДУ

Я по первому снегу бреду,
В сердце ланьши вспыхнувших сил.
Вечер синее свечкой звезду
Над дорогой моей засветка.

Я не знаю, то свет или мрак ?
В чаде ветер поет иль петух ?
Может, вместо зими на полях
Это лебеди сели на луг.

Хороша ты, о белая глать !
Греет кровь мою легкий мороз !
Так и хочется к телу прижать
Обнаженные груди берез.

О лесная, дремучая муть !
О веселье оснеженных нив !
Так и хочется руки сомкнуть
Над древесными бедрами ив.

Сергей А. ЕСЕНИН





três vertigens, três instantes máximos de poesia.



Escrevia no negro da lousa

Escrevia no negro da lousa,
E nas dobras de leques esmaecidos,
Nas areias dos mares e dos rios,
Com patins no gelo e com a pedra do anel nas vidraças,

E nos troncos velhos de cem invernos,
A fim de que soubessem todos —
Que você é amado, amado, amado!
E assinava embaixo com o arco-íris do céu.

Como gostaria que cada tronco florescesse
Por séculos comigo! No toque dos dedos!
Depois, a testa inclinada, o nome,
Na mesa, com uma cruz, eu eliminaria.

Mas você, registrado pelo punho do escrivão mercenário,
Você que no meu coração crava as presas!
Nunca por mim traído! Tuas iniciais no interior do anel!
Grafado para sempre no livro sagrado.

Marina TSVETÁEVA



Passeio a primeira neve

Passeio a primeira neve,
No coração os lírios forças inflamam,
A noite fixa azul
Única estrela no caminho.

Não sei se luz ou trevas?
Vento ou galo vibra adágio a floresta?
Em vez talvez do inverno nos campos
Serão cisnes tingindo verdes prados.

Bonito que és, branco espelho da neve!
Ferve-me o sangue a leve geada.
Desejo de apertar contra a pele
O seio em carne viva das bétulas.*

Ó bruma espessa da floresta!
Ó festa dos trigais em neve!
Desejo de possuir pelo abraço
O selvagem quadril das tília.*

Serguei ESSÉNIN

*Bétula: imagem tradicional da jovem na tradição russa.
*Tília: no original "chorão", masculino em português,
o que torna a metáfora impossível.



Peguem!

Daqui a uma hora, daqui para um beco limpo,
Escorrerá de todo homem sua banha flácida.
E eu que lhes abri de poemas tantos cofres,
Eu, o perdulário de palavras raras.

Ei você, homem, que traz nos bigodes pedaços perdidos de repolho
De uma sopa que você não tomou em taverna alguma;
Ei você, mulher, você com esta espessa maquiagem branca,
Olha como uma ostra desde o fundo das conchas das coisas.

Todos vocês hão de amontoar-se sobre a borboleta do coração do poeta,
Sujos, com galochas e sem galochas,
A multidão tornada fera, vai se esfregar,
Eriçará as perninhas o piolho de cem cabeças.

E se hoje eu, rude huno,
Não quiser requebrar-me diante de vocês,
Então darei gargalhadas e com bruto prazer cuspo,
Cuspo-lhes na cara.
Eu, o perdulário de palavras raras.

Vladimir MAIAKOVSKI



tradução literal de Elena Godoy e Luiz Heitor Guimarães / recriação livre de Ephraim Gottard

ELENA GODOY nasceu em Leningrado/URSS. Formada em Letras pela Faculdade de Línguas Estrangeiras em Leningrado. Mestre em Lingüística de Língua Portuguesa e professora do curso de extensão de língua russa da UFPR. Doutoranda em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas/SP.

LUIZ HEITOR GUIMARÃES, 43, nasceu em Curitiba/PR. Professor de russo nos cursos de extensão universitária da UFPR. Mestrado em russo na Universidade de Paris IV (Sorbonne) / França.

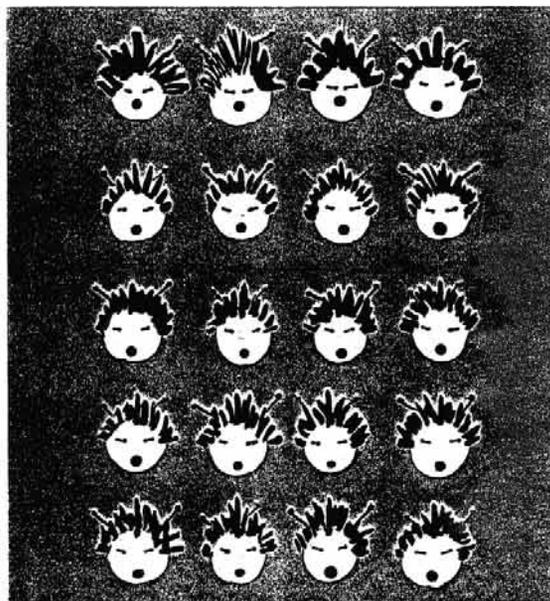
EPHRAIM GOTTARD, 57, nasceu em Albrecht/ Alemanha. Naturalizado brasileiro, é autor, entre inúmeros livros, de *O Mosaico Chinês*. Atualmente reside em Buenos Aires/Argentina.

REVELAÇÕES



a paixão segundo m.k.

Em busca do texto mais raro, o concurso REVELAÇÕES procura resgatar o que de instigante vem sendo produzido pelos jovens escritores do Paraná. Neste número, entre centenas de originais chegados à redução, o talento premiado foi o de Marília Kubota, 27 anos, nascida em Paranaguá/PR. Iludida pela promessa de neve em Curitiba, esta oriental, apaixonada por Clarice Lispector e Rubem Braga, pisou pela primeira vez em solo curitibano aos dezessete anos, e, como tinha que fazer alguma coisa, resolveu estudar Jornalismo. Fina leitora de Julio Cortázar, Fernando Pessoa e James Joyce, com eles aprendeu, desde cedo, as artes e desertos do jogo insensato de escrever. De sua íkebana ocidental temos aqui três amostras ligeiras: uma busca delicada, paciente e minuciosa do que em música chamaríamos de estrutura ausente.



Marília Kubota

lúcia, gabi, estela

escolha um dia de domingo bem suave em que as estradas convidem as famílias a se coçarem nas praias. papai prefere ver a fórmula 1 pela tv e júnior quer gastar sua saúde atrás de uma bola então estela prepara o lanche enquanto lúcia e gabi bagunçam armários em busca de loções miraculosas capazes de fazer o sol grudar na alma. o carrinho de gabi é aquele simpático esforçado que não se ofende em enfrentar duras batalhas diante de um tráfego indecifrável. zumbe em direção ao que for mais parecido com estouro de boiada e explosão de estrelas. gabi é um pouco vesga e este patetismo às vezes custa arranhões na lataria do besouro, mas das grandes tragédias a mocinha independente se safa. gabi é um amor. lúcia quase pelúcia, empenha-se em descobrir segredos do coração de uma formiga ou os mistérios do mundo origami. por ela uma joaninha percorre longos caminhos, exibindo um suntuoso cromatismo amarelo-gema. e estela, tem lógica? claro que não. é exemplar que não trai sua classe. ama melodramas e não se envergonha de chorar quando reconhece um luar mais preciso nas noites limpas. estela tem voz de anjo e mãos de fada. como se dizia no seu tempo. faz anos que papai não a leva para admirar lustres e rodopiar nos salões de baile, por isso gabi e lúcia não se conformam e até puseram os gêmeos enamorados em ostracismo neste final de semana. enfim, você sabe como as padecidas merecem o céu. gabi e lúcia não deixam barato, procuram as nuvens mais fofas e o recanto anunciado pelas gaivotas. o que acontece é que o trio fala a mesma língua da paisagem e não se cansa de chamá-la por diminutivos. um vira-lata é que acaba atendendo e lúcia o adota por paixão e princípio. estela mostra às suas meninas como dançava a valsa perdida. na prainha das gaivotinhas a ampulheta dá uma cambalhota. gabi sente saudades de um dos gêmeos e pesquisa as formas das montanhas para disfarçar. areia e sal vestem as mulheres seminuas e o crepúsculo puxa o tapete luminoso, soltando um balão negro que cresce, cresce.

em casa papai e júnior estão furiosos porque tanto o campeão de fórmula 1 quanto o time de júnior levaram rasteira. estela, lúcia e gabi parecem ter saído de uma propaganda em que são deusas de espuma de banho e os homens as olham e olham. toda a euforia da trinca foi condensada no domingo, sequer uma foto registrou o vira-lata abanando o rabinho (um menino veio buscar o cachorro depois e lúcia não pôde trazê-lo) nem aquele pôr-do-sol fantástico. mas as mulheres continuam eszufiantes até que o dia sagrado se recolha na fileira dos dias correntes e vão dormir saciadas, febris, saudosas.

a criatura

júlia está passeando alegriinha sacola de compras balançando em uma mão noutra procura moedas na bolsa papa-mundi quando avista seu amado. palpita o peito afoga o colar vai acenar, prepara um grito triunfal quando de repente. é uma perua que ele amassa, uma ruiva que trapaça ou um bebê estranho que embala? nada. o amado vai trançando rua acima sem notá-la. mas com um ar de rock horror. andar torto, sombra confusa e um quase corvo a pousar nos ombros. talvez a má iluminação prejudique a figura. júlia argumenta, tentando salvar a imagem daquele que a impede de naufragar diariamente. seu amado, ele mesmo, é um tropo frankenstein. vai quase sumindo e júlia ainda pode agarrá-lo com a histeria do reconhecimento, ele vai se virar e o ectoplasma longe vai saltar. júlia prepara a saudação quando novamente ela vê um outro: alguém que poderia matar crianças. a expressão insensível de um homem que só pode viver numa caverna. nuvens repolhudas o perseguem. aquele que já some na esquina é um desconhecido. o ônibus de júlia chegou no ponto, ela se apressa. o amado teria deixado um cheiro de enxofre em seu rastro? o cobrador chama a atenção da moça e gira a roleta com vontade. júlia se senta, apatetada. a sacola sobra na mão e dentro, um volume. surpresa para o amado, no 32º aniversário: uma camisa de listras. se encontrariam à noite, conforme a agenda, cinema e jantar. aquele que caminhava como um corcunda, cuspiendo no chão, com a auréola despregada era seu amor. mais tarde o veria limpo, com a máscara posta e o sorriso largo. nada lhe faria lembrar a sordidez colhida por acaso no meio da tarde. "ele se arrasta quando se supõe protegido, anônimo", conjecturava. contava piadas que livravam a noite da morridão e bebia cerveja com gosto. tinha brigado com o patrão, talvez lhe dissesse mais tarde. tinha é se desentendido com um cliente que pedia crédito e era inestimável para a firma mas atualmente não podia oferecer nenhuma garantia. foram felizes para sempre. júlia, porém, guardou num frasco a lembrança contendo a porção insana de seu bem, como uma pequena nódoa pairando sob todas as fotos happy-family.

um jardim impensável

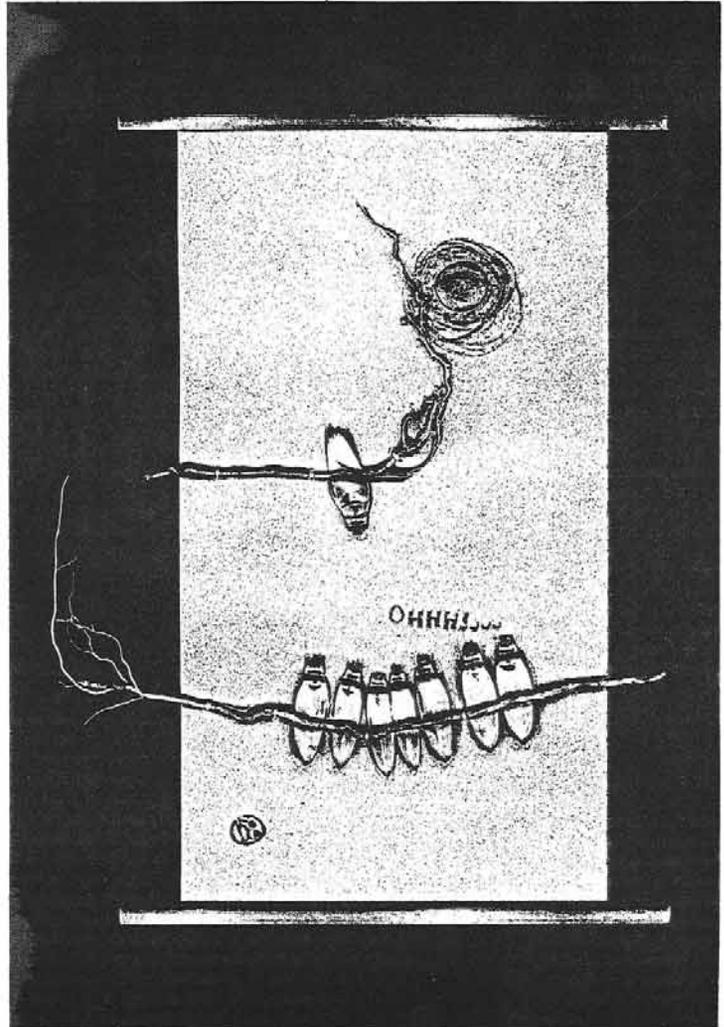
para se ter algo precioso ninguém esculpe ouro ao sol. giácomo principiou por mostrar aos intoleráveis a fina doçura com que se fabricam as flores. esfarelava o caos do céu até torná-lo íntimo. com o pó asfixiava um graveto e soprava. a borboleta emergia da brutalidade e vazio, serena cor que inflava nas tardes eternas. o problema era que giácomo, artesão incansável, não percebeu que após vinte anos de ofício toda a terra ao redor estava tomada de melodiosa irracionalidade. pai, mãe, irmãos e vizinhos foram sumindo de seus olhos, expulsos por dalias rocambolescas, violetas tímidas mas petulantes e enigmáticas orquídeas. giácomo navegava em perfume e nem deu pela falta dos familiares. noite e dia nutria um exército diáfano, elaborando um modo que desprezava a força.

ia muito bem com seus inventos, quando, tendo na mão um raminho de jasmim, viu seu aspecto ventilador diante de levíssimas hélices transparentes. sua grossura desmanchava os dentes macios dos florais. tinha sal nas vísceras, jamais seria um ser evanescente, se continuasse seu trabalho, corria o risco de desaparecer sob as plantas.

que teria acontecido com os outros? perguntou ao observar-se única besta humana em extenuante jardim. pétalas cortantes caíam em seu coração. as máscaras de celofane riam de sua ingenuidade. como havia se deixado arrastar por tamanha solidão?

foram embora e restei, cérebro detestável, concluía. os semelhantes não perdoariam seus ímpetos megalegóricos. iam botá-lo num celeiro, estábulo ou deixá-lo apodrecer em pântano. a bondade recessa da mãe o envergonharia, a dignidade do pai o acusaria, irmãos com olhos de garrafa tentariam em vão reconhecê-lo. não era melhor ignorar a humanidade e permanecer hóspede de crisálidas?

mas giácomo não era destinado a ser grande e começou a se incomodar de quanta flor se espalhasse no caminho. a artilharia espinhosa de uma, a umidade inescrupulosa de outra, a selvageria íntima de todas, antes motivo de afeição agora era ameaça. como é que podia explicar sua presença nesta constelação de monstros? a consciência do sangue investia contra o criador. ninguém pode fugir aos seus, pensava com as costas sentindo falta de asas. foi com pesadume que lentamente arrancou o trevo que lhe acariciava os pés, convocando a fúria dos ancestrais para destruir a obra. por amor aos seus executou o crime e foi em busca de sanguinários iguais.



REVELAÇÕES

regras do jogo

1. Os originais (cinco cópias) devem ser enviados em nome do Conselho Editorial do jornal Nicolau.
2. O candidato não pode ter nada publicado em livro.
3. Serão aceitos poesia, conto e fragmentos de romance.
4. O autor deve ser nascido ou residente no Paraná.
5. Os originais devem ter, no máximo, cinco laudas.
6. Junto aos originais, inclua telefone para contato.
7. Os textos não aprovados não serão devolvidos.

Envie para Rua Ébano Pereira, n.º 240
Curitiba — Paraná — CEP 80410
Tel. (041) 225-7117 — Ramal 52

DALTON TREVISAN



lamentações da rua ubaldino

No princípio era o silêncio na rua Ubaldino
cis que o número 480 da Igreja Central Irmãos Menonitas
ergueu cartazes anunciando sinais e prodígios
não a flauta doce e harpa còlia para louvar o Senhor
mas a caixa de ressonância da buzina do Juízo Final
e o amplificador dos agudos desafinados de Gog e Magog
além da mão esquerda não saber o que faz a direita
as duas juntas rompem no batuque iconoclasta do bombo
nunca tal se viu na rua Ubaldino de hospital escola gente calada
irmão menonita ó irmão menonita
que torturas o sossego e flagelas os que te são vizinhos
cego e surdo à perturbação do descanso público
por tuas guitarras e baterias de mil decibéis serás condenado
bandinha maldita nunca mais nasça ruído de ti
lançada no fogo eterno com gritos e ranger de dentes
ai de ti que furtas ao próximo o bem da quietude
uma grande heresia se levantou entre nós
pedes num prato a cabeça esfolada viva do silêncio
ó araponga fanha da torre menonita de Babel
sobre teus moucos pastores caia o sangue do sossego profanado
trazes o alto-falante onde cantavam o sabiá a corruira o bem-te-vi
os testemunhos são conformes é um protesto só
tu adorador da estridência alarido cacofonia
ocupado em afligir os que estão em calma
desarmonia o teu nome porque ninho de muitos demônios

comilões da paz e beberões do vinho da poluição sonora
quando entrarão na vara de porcos e no lago se afogarão?
perversa é essa igreja e mais barulhenta que todas
ai de ti irmão ai de ti menonita
importuno e molesto angustias a alma da rua inteira
não te assentarás na cinza nem te arrependers do teu sacrilégio
sepulcro aberto empestam os arcos as tuas blasfêmias
tua sentença é a execração pública tu mesmo a pronunciate
em vez do culto em surdina propagas o escândalo sob os telhados
sons malignos que não se podem aturar de altíssimos que são
o Senhor dos Exércitos enviará maldição aos predadores do sossego
és tu menonita atormentador do teu vizinho?
essa igreja central é um estrondo deixou passar o tempo assinalado
morada de dragões matracas e baitacas
onde o fiscal? onde a lei do silêncio? onde o que conta os decibéis?
o inimigo da rua Ubaldino nesse mesmo número 480
uiva baterista clama guitarrista rebolai-vos no pó da danação
à tua porta já batem as duas ursos chamadas por Elias
cala-te aquieta-te irmão menonita
afasta de nós esse cálice da balbúrdia e da aflição de espírito
casa de oração convertida em covil de salteadores da paz
não o pão mas a pedra dodecafônica
não o peixe mas a serpente da caixa de ressonância
não o ovo mas o escorpião do amplificador
amigo a que veste?
mais fácil passar um camelo pelo fundo duma agulha
do que entrar um baterista ou guitarrista menonita no reino de Deus
dura é essa barulheira quem a pode suportar?
filhos da rua Ubaldino chorai sobre o fim da paz e do sossego
ah! espada do Senhor até quando descansarás na tua bainha?





aqui na calçada

Perdida por esse negão
 Dava tudo pra ele
 Era sandália era cigarro
 Pinga da boa um radinho
 Só quer dinheiro uma nota mais uma
 O que ele tem?
 Um ranchinho um guapeca um fação
 Me surrou tanto não posso com a lata d'água
 Ninguém por mim sou de menor
 A mãe pobrinha lá nomato
 Meu nome se duvida eu assino
 Só que a letra sai trocada
 O que ele traz é feijão podre
 Esse arroz quebradinho
 Praça ruim já viu
 Nem uma cantada de velho sujo

Dona que gosta de bagunça
 Toma cachaça diz nome feio levanta a saia
 Eu chuva e sol aqui na calçada
 Fumo não puxo cola não cheiro
 Bêbado o negão se chega medonho
 Bandida te mato de arrocho de goela
 Dá porrada me deixa louquinha
 Só não me beije que fico fria
 Cada soco no olho
 Me queima de cigarro me corta de faca
 Do anjo fofa quase arranca o bracinho
 Afoga o chorinho no travesseiro
 Quebra tudo
 Me tira sangue
 Grande cadela da zona
 Feita pra teu homem se servir
 Até a peruca loira tive de vender
 Que eu gostava tanto
 Foi embora levou minha blusa de lã
 Os dois vestidos o sapato vermelho
 Quem me dá uma caixa de fósforo vazia?

cantiquinho

minha broinha meu fubá meu mimoso
 no inverno da vida o último veranico de maio
 tua lembrança uma brasa viva na mão fechada
 não folhinha tenra talo crocante de agrião
 tua cabeça é a torre do templo no alto da rua do Rosário
 no teu olho esquerdo o arrulho da pomba que negaccia
 alameda de plátanos juncada de folhas roxas
 no olho direito um pavão abre a cauda farfalhante
 e incendia o amarelo no cacho do ipê
 teu nariz é o ponteiro único do relógio de sol na Praça Tiradentes
 na voz a cantiga de roda das meninhas no fim de tarde
 teu peitinho as metades gêmeas do péssigo salta-caroco
 no teu umbigo provo água fresquinha da moringa de barro
 nas voltas de tuas coxas meus beijos se perdem caminho de casa
 no manso lago o vôo da pedra que espirra sete sardinhas
 comichão furtiva no terceiro dedinho do pé esquerdo

floreio da colinha do pardal ao bicar a pitanga madura
 após a ducha quente o frio jato que todinho te arpeia
 na noite de insônia o canto do sabiá que alumia o sol
 macieira florida caminhando sobre as águas
 tanto braço aberto ressoante de abelha
 formidável como a bandinha do Exército de Salvação
 nuvem de fogo dentinho mordedor nalga rosácea
 elegia de Rilke girassol de Van Gogh
 peticinha arisca no rote que tira faisca das pedras
 gargarejo de água esperta e sal que alivia tua dor de garganta
 coração da alcachofra no molho vinagrete
 da chuva no asfalto bulindo mil asas de borboletas brancas
 hino à alegria na surdez do velho Beethoven
 o conto Lições Caras de Tchecov
 o som de uma só mão que bate palmas
 teu espirro acende o olho saltante dos vaga-lumes
 cada um lá no escuro pisca o teu nome
 sozinha bem mais que as 700 princesas e 300 concubinas de Salomão
 as muitas águas do rio Belém afogar não podem este amor
 depois do segundo quindim a cosquinha lancinante no céu da boca
 eterno piolhinho que todo periquito cata debaixo da asa
 esse mesmo dedo amputado que se ergue e te aponta

textos extraídos de volante distribuído em Curitiba, pelo próprio autor, com reduzidíssima tiragem



um mestre esquivo

DALTON TREVISAN, nascido em Curitiba/PR no dia 14 de junho de 1925, é considerado um dos mais importantes autores da *contística* brasileira contemporânea. Em 1946 fundou a revista *Joaquim*, para onde convergiram textos e ilustrações de conceituados criadores brasileiros, como Portinari, Di Cavalcanti, Poty, Rubem Braga e Carlos Drummond de Andrade, entre outros. Foi repórter policial, crítico de cinema e cronista do jornal *O Dia*. Seus primeiros contos, publicados através de edições financiadas pelo próprio escritor em modestos cadernos de cordel, tornaram-se verdadeiras raridades

bibliográficas. Em 1959 estreia nacionalmente com o livro *Novelas Nada Exemplares*, ao qual se seguiram vários outros, entre eles *Cemitério de Elefantes*, *O Vampiro de Curitiba*, *A Faca no Coração*, *Meu Querido Assassino* e *A Guerra Conjugal* (deste último fez-se um filme, com o mesmo título, sob direção de Joaquim Pedro de Andrade). Tem livros traduzidos nos EUA, Venezuela, Polônia, Dinamarca, Argentina e Alemanha. Porção mítica no mapa sensível de Curitiba, um codinome seu bem poderia ser "Mil Corações Solitários". Escorpião de bote armado, Dalton retira da notícia policial, frase no ar, bilhete de suicida, confidência de amigos, a matéria-prima de seus contos. Atualmente, Trevisan mora na Rua Ubaldino do Amaral, em Curitiba, com o silêncio da noite que embala os vampiros e o trair dos menonitas.

Poty

(Curitiba/PR, 1924)

pela mão do melhor 'fabbro'

Napoleon Potyguara Lazzarotto viveu sua infância e juventude na casa da antiga Avenida Capanema, perto do cruzamento dos trilhos de trem, tendo no pai Isaac, fundidor artístico, seu primeiro mestre e incentivador. Desde os 4 anos Poty expressa interesse por desenhos e textos, descobrindo seus heróis na revista *Eu Sei Tudo*, nas histórias em quadrinhos e nos livros antigos. Aos 14 anos cria seu próprio herói: "Haroldo, o homem relâmpago", série publicada no *Diário da Tarde*, em Curitiba/PR. Em 1942, após concluir o curso primário, ganha uma bolsa de estudos e deixa Curitiba. Na cidade do Rio de Janeiro, matricula-se na Escola Nacional de Belas Artes e no Liceu de Artes e Ofícios. Em 1943 é publicado o primeiro livro ilustrado por Poty, *Lenda da Herba Mate Sapecada*, de Hermínio da Cunha César. A maior parte dos textos da revista *Joaquim* (Curitiba:1946-48), dirigida por Dalton Trevisan, traz desenhos seus. A partir da década de 50, importantes editoras do País convidam-no para ilustrar alguns trabalhos. Participa das edições de *Sagarana*, *Corpo de Baile*, *Grande Sertão: veredas* (Guimarães Rosa), *Moby Dick*, de Melville, *O Corvo*, de Edgar Allan Poe, entre muitas outras — pela Editora José Olympio — afirmando-se como seu principal colaborador. Outras grandes obras passam a trazer a marca de Poty — pelas editoras Civilização Brasileira, Martins e Nacional — tais como as publicações de Jorge Amado, Mário Palmério, Graciliano Ramos e as novas edições de *A Bagaceira* (José Américo de Almeida), *O Quinze* (Rachel de Queiroz) e *Casa Grande e Senzala* (Gilberto Freyre). Participou da edição das *Obras Completas de Machado de Assis* (Itatiaia, 1988) e seu trabalho, em constante reedição, pode ser encontrado, ainda, em edições de autores mais recentes. Criou obras monumentais para logradouros e edifícios, no Brasil e Exterior, utilizando fundamentalmente cerâmica, madeira e concreto. O Memorial da América Latina, erguido em São Paulo em 1988, tem três painéis seus, tematizando os índios, imigrantes e construtores. As cidades do Rio de Janeiro, Teresópolis (RJ) e Cordisburgo (MG), entre outras, também possuem trabalhos do artista, nessa área. A vertical presença de Poty confirma-se de modo indistigável, em Curitiba, nos murais criados para a Praça 19 de Dezembro, Hospital das Clínicas, Palácio Iguaçu, Aeroporto Afonso Penna, Centro Politécnico, Teatro Guaíra e Hotel Paraná Suite (este mural é considerado o maior do mundo). A seu respeito falou Antônio Houaiss: "Há uma opção mágica na síntese sonora que é o seu nome — Poty —, que é também grafemática e caligráfica com o seu y como que emblema: ele ousou, desde o início de sua carreira, fazer, de Potyguara, o mínimo, o singular, o compacto. É ele, já agora, um ser de luz — uma luz que, existente no berço e antes do berço, ele soube cultivar persistente, devota, continuada e exemplarmente".





Pony 91

OS ARGENTINOS

A poesia — esse pequeno rito de nada — é fonte e matéria-prima na obra de cinco poetas que representam, hoje, o que há de mais contemporâneo na lírica argentina.

tradução de Rudolph Linck

Francisco MADARIAGA (n. 1927)

Rehén de la colina

Oh candoroso embriagado entre loros,
entre isletas subiendo hasta el nivel de la
colina,
canta en tu boca el canto ardiente de otra boca,
y cuando la sangre sube hasta tus ojos es
porque están quebradas todas las fulguraciones
del sollozo de tu pecho.
Canta, viejo rehén de la colina.
Arde, candoroso de alcohol negro, que con palmas
salvajes tienen hijos que retornan al viento,
al gemido del clima en el olor áspero y cruel de
las arañas del estero,
en aquel paisaje de cristal desprendido del fuego.

Refém da colina

Ó anjo bêbado entre ervas solares,
entre ilhotas subindo até o nível da
colina,
canta em tua boca o canto em fogo de outra boca,
e quando o sangue sobe aos teus olhos é
porque estão quebradas todas as fulgurações
do soluço do teu peito.
Canta, velho refém da colina.
Arde, anjo de álcool negro, que com palmas
selvagens tem filhos que regressam ao vento,
ao uivo do clima no odor cruel e acre das
aranhas do aguaçal,
naquela paisagem de cristal desprendida do fogo.

Carlos BARBARITO (n. 1955)

Cantar de cantares

"¿Qué se busca, qué se halla, qué es eso: amor?"
(Gonzalo Rojas)

Desnudos, bajo el peso de la tierra:
un cuerpo acepta la oferta
del otro cuerpo, hasta sus cuchillos.
¿Animales puros o impuros?, no importa;
se lastiman mutuamente por uso y abuso
de uñas en las caricias y dientes en los besos,
pero después lloran,
se limpian con sus lágrimas y se curan.

Cantar de cantares

"Que se busca, que se acha, que é isso: amor?"
(Gonzalo Rojas)

Desnudos, baixo o peso da terra:
um corpo aceita a oferta
de outro corpo, até seus punhais.
Animais puros ou impuros?, não importa;
se queixam os dois por uso e abuso
de unhas nas carícias e dentes nos beijos,
depois choram,
se limpam com lágrimas e se curam.



Marcelo DI MARCO (n. 1957)

Poema VI

Avanza el mar
 en su hablar para nosotros.
 ¿Lo estás escuchando?
 un coral sinfónico de oro
 líquido y libre
 es el mar.
 Una música emergida bajo el sol,
 un festivo ir y venir de brillos,
 un movimiento perpetuo de destellos
 es el mar,
 su piel de mármorea veta,
 su tan desapacible superficie.
 Pero, todo lo que el mar no dice,
 cada abismo, cada gruta de la mar,
 cada acuático secreto sin final
 que el mar se calla,
 está en tus ojos.

Poema VI

Avança o oceano
 em seu idioma para todos.
 O que estás ouvindo?
 um coral sinfónico de ouro
 líquido e livre
 é o oceano.
 Uma música emersa debaixo do sol,
 um festivo ir e vir de brilhos,
 um movimento de contínuas cintilações
 é o oceano,
 sua pele de listras cor de mármore,
 sua tão imutável superfície.
 Mas, tudo o que o oceano não diz,
 cada abismo, cada gruta do oceano,
 cada aquático segredo sem final
 que o oceano cala,
 está em teus olhos.

sentimento do mundo

Há um ano (junho de 1990) um grupo de poetas argentinos resolveu fazer um teste: publicar a revista *La Carta de Oliver*, por entender que havia chegado o momento de difundir seu trabalho e de conhecer o que era feito no estrangeiro. Deu certo. Hoje a publicação (amplamente distribuída nos EUA, Inglaterra e outros países da Europa) é uma das mais importantes da América Latina. Primeira revista bilingüe de poesia na Argentina, sua edição é trimestral. Na de n.º 2/ primavera de 1990, em seu já famoso suplemento *la solapa*, foram publicados os brasileiros Roberto Piva, Armando Freitas Filho, Wilson Bueno e Glauco Mattoso. Todos os poetas aqui meticulosamente traduzidos por Rudolph Linck estão reunidos em torno deste projeto — marca avançada da vanguarda portenha.

RUDOLPH LINCK, nascido em Erval d'Oeste/SC, em 1938. Autor dos livros *Balada Esquiza* (poesia) e *Panorama da Poesia Celta* (ensaio).

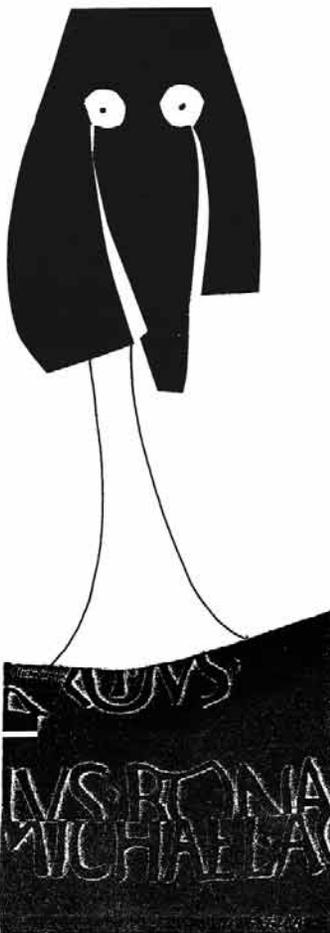
Santiago ESPEL (n. 1960)

Misas en Harlem

Los negros esperan el fin del mundo cantando blues.
 Por las calles baja una murga rioplatense con banderines
 y formularios de embajadas. Es carnaval y todos los negros
 le rezan al Dios Blanco, el Dios de la iconografía occidental.
 Las misas en Harlem valen un muñequito de yeso esmaltado y la
 promesa de enmudecer los tamboriles.
 Sólo por eso los negros afilan sus navajas y fuman marihuana
 al compás del blues.

Missas no Harlem

Os negros esperam o fim do mundo entoando blues.
 Pelas ruas baixa uma fanfara rioplatense com bandeirolas
 e formulários de embaixadas. É carnaval e todos os negros
 rezam ao Deus Branco, o Deus da iconografia ocidental.
 As missas no Harlem valem um bonequinho de gesso esmaltado e a
 promessa de emudecer os tamborins.
 Só por isto os negros afiam navalhas e fumam maconha
 ao planger do blues.



Matias Serra BRADFORD (n. 1969)

Debajo de sus costillas

Debajo de sus costillas
 guarda el hombre los recuerdos
 las marcas y las islas perdidas
 las princesas y los carruajes
 que llevaron su cuerpo al paraíso.
 Debajo de su sombra
 guarda el hombre su ira
 y los trofeos,
 talla su próxima embarcación
 y mima su misterio.

Que no lo encierren sus pasos
 en la prisión del olvido.
 Que el hombre extraviado escuche
 a la gaviota apostada sobre su tumba.
 Que la muerte no anule su sonrisa.
 Que el cielo no mienta en su única respuesta.
 Que la última palabra sea siempre generosa.

Debaixo de suas costelas

Debaixo de suas costelas
 guarda o homem as memórias
 as marcas e as ilhas perdidas
 as princesas e as carruagens
 que levarão seu corpo ao paraíso.
 Debaixo de sua sombra
 guarda o homem sua ira
 e os troféus,
 entalha sua próxima embarcação
 e adula seu mistério.

Que não o encerrem seus passos
 na prisão do esquecimento.
 Que o homem perdido escute
 a gaviota pousada sobre sua tumba.
 Que a morte não anule seu sorriso.
 Que o céu não minta em sua única resposta.
 Que a última palavra seja sempre generosa.

dossiê TEMPOS SOMBRIOS

a foto dos nambiquaras nus. o estatuto do índio. esfaqueamento. péssi-



o belo e o putrefato

Certos caracteres emblemáticos vão ilustrar-te: o mal vai pelo teu peito. A podridão habita essa morada que teria, sem ela, ficado deserta. Esta obra-prima de graça, este david, este perseu que andam, que abanam a cabeça, que sobem uma escada, que abotoam a braguiha, que se ensaboam e penteiam, apodreciam. A excepcional luz da cartilagem translúcida do teu nariz indica que esta aparência admirável se decompõe. Impedindo a tua carne de ser orgulhosa e inútil, a doença obriga-a à meditação, à tristeza, ao desgosto. A tísica te faz viver. É um bacilo gigante que te ilustra com pelagem, musgo, líquen, feições de monstro! Coberto por um pêlo muito macio que te não pertence ao corpo mas ao animal de quem conservas, visível, só esse vestígio, uma mancha quase roxa colada à coxa deixo-te na beleza o selo singular. Constrói-te a perfeição inconfessável mas, sobretudo, quando a tua mão vai por engano lá pousar — ou o olhar dos teus amantes —, precipita-te numa anti-guidade solitária, sombria e trocista. E tu com um sorriso, um desafio, e inquietação na boca: é o pânico!

Jean Genet — escritor



o real e o burlesco

A pior forma de violência, no Brasil, tem sido a miséria. Ela já substituiu a pobreza, e quando isto acontece, é impossível qualquer sentimento de ética, decência ou dignidade por parte das pessoas envolvidas. Os resultados desse flagelo, monstruosos, formam um quadro sinistro de fome, mortalidade infantil e grupos de extermínio de meninos de rua. Faz-se uma pergunta a toda a sociedade e ao Estado que, teoricamente, seria seu instrumento: será essa vergonha, a dos pobres do Brasil, que vai fazendo deste País um dos piores lugares do planeta?

Nos últimos três anos foram mortos 4.611 menores (51,83% dessas mortes se deram por arma de fogo, esfaqueamento, espancamento, tortura, envenenamento, queimaduras, estupro e estrangulamento). Dos 45 milhões de menores de rua, 25 milhões são desnutridos crônicos, 10 milhões são submetidos precocemente ao trabalho, 7 milhões são portadores de deficiências físicas ou mentais e milhares são vítimas de péssimos tratos. Das crianças adotadas por estrangeiros, somente 1.500 o foram legalmente (o tráfico de crianças brasileiras chega ao número de 3 mil por ano).

Por favor, considerem uma frase do historiador carioca José Honório Rodrigues, escrita em 1982: "O maior defeito do Brasil não está no seu povo. Ele é um grande povo, sem pretensões. O maior defeito é encontrado na liderança do Brasil". E considerem outra, escrita no século passado por um dos mais importantes escritores da literatura universal de todos os tempos, Machado de Assis: "O país real, esse é bom, o povo revela os melhores instintos; mas o país oficial é caricato e burlesco".

João Antônio — escritor



a guerra dos mundos

Inútil falar das múltiplas formas que a violência vem assumindo, de forma crescente, no mundo atual: no lugarejo de Matupá, Mato Grosso, a população, sadicamente, impiedosamente, queima vivos bandidos que haviam se entregado voluntariamente; brancos matam negros e tribos negras chacinam outras tribos negras, rivais, na África do Sul; só no Rio de Janeiro as fraudes do escroque e advogado do INSS Ilson Escóssia da Veiga ascenderam a um trilhão de cruzeiros (três milhões de dólares), etc.

Se não me engano foi Wilhelm Reich que, antes de ser trancafiado como louco pelas autoridades norte-americanas, divulgou que um planeta hostil estaria enviando à Terra gases invisíveis, causadores de desertificação, guerras, violência e depressão. Sem ter lido Reich, a magnífica escritora inglesa Doris Lessing, em seu deslumbrante livro de ficção espacial *Shikasta*, supõe que a Terra é cobiçada por um planeta maligno, regente de uma galáxia que pretende escravizar a nossa. Afirma: "Encontramo-nos em meio a uma guerra interplanetária entre os planetas bons e maus, ambos querendo conquistar a Terra". Também o escritor e profeta esotérico mineiro Trigueirinho assegura que seres extraterrestres já estão entre nós para alterar o código genético humano, estirpando da nossa espiral do DNA a agressividade. Arthur Koestler, grande escritor, falava dos três cérebros que se chocam dentro de cada ser humano: o límbico, o reptílico e o neocórtex. Hoje a engenharia genética de certos laboratórios nos EUA conjecturam sobre a possibilidade de retirar cirurgicamente do cérebro humano a parte violenta.

Aproximamo-nos do condicionamento físico e psíquico do homem, manipulado pela Ciência? Ou, como afirma Trigueirinho, um imenso UFO, uma nave-mãe, pilotada por Jesus Cristo, virá salvar a América do Sul, agora que o sagrado território do Tibete está dominado pelas forças atéias da China, como ele as chama, e com isto a violência desaparecerá também de nosso tumultuado continente?

Leo Gilson Ribeiro — escritor

mo trato. um país em putrefação. a terra é sagrada. manto de sangue. ras-

do ssiê TEMPOS SOMBRIOS

go agônico. inquietação na boca: é o pânico! feições de monstro. não per-



o brasil apodrece

É estarrecedor o dado de que, de 1964 até hoje, 1.630 camponeses em luta pela terra tenham sido assassinados no Brasil. Isto sem mencionar aqueles que pereceram — e não foram poucos — vítimas da fome, das doenças e da macabra degradação a que essa situação conduz. Uma violência endêmica grassa pelo campo brasileiro, um manto de sangue e infortúnios. Não se inculpe por isso o caráter dos homens nem a providência divina, mas a perversidade imposta pelo capitalismo dependente e deformado, esse furioso monstro que se assemelha a um colossal tentáculo a espremer e mutilar mais e mais a vida do povo no Brasil. A patologia é grave: 1% dos proprietários rurais detém mais da metade das terras. Resultam dessa exacerbação milhões de deserdados que, ao lutarem pela terra — afinal, legítimo direito — enfrentam a soberba e a ferocidade do poder estabelecido. Sempre se disse que, das classes dominantes brasileiras, as oligarquias agrárias — sejam as vinculadas ao latifúndio tradicional sejam as que produziram, mais recentemente, a figura do burguês rural — eram mais truculentas. E são. A grande burguesia cidadina possui maior flexibilidade, sabe articular a chibata e o afago, digamos, com melhor senso tático e estratégico.

Mas este, afinal, é o Brasil, um país em putrefação às vésperas do terceiro milênio. A violência no campo somam-se outras que mais se aproximam de nós com seu rasgo agônico. São os 20 milhões de menores abandonados (e agora sob a mira de grupos de extermínio, na periferia das grandes cidades), as 500 mil meninas prostitutas, os sem-teto, os sem-emprego, os analfabetos, os ignorantes, as minorias asfixiadas, os índios em dizimação, os operários sob o jugo brutal da mais-valia, a multidão de “desclassados” (assim chamados por estarem bem abaixo dos níveis inferiores de pobreza). É o Brasil apodrecendo, incapaz de safar-se da estrutura econômica concentradora, dependente, arcaica, que começa enriquecendo uns poucos e termina por distribuir ondas de violência e degradação. Este Brasil cheira mal, a despeito do seu presidente *soft* e de suas estrepolias propagandísticas, bem como do feitiço neoliberal que, desgraçadamente, só nos anuncia uma perdição ainda maior. Um dia a paciência dos de baixo se esgotará e as lavas da revolta certamente varrerão as raízes dos nossos males.

Luiz Manfredini — jornalista



a violência da ideologia?

Nicolau, que sempre fez da indagação intelectual uma de suas razões de existir, propõe-nos — e a seus leitores — uma reflexão sobre o tema a **violência da ideologia**. Lançado assim no espaço, ele pode causar-nos uma sensação de perplexidade quanto aos propósitos da publicação, pois, se uma ideologia que se apoie em premissas cientificamente falsas e filosoficamente aberrantes da lógica, da ética e da moral como a nazi-fascista, por exemplo — se converte de modo inevitável numa **ideologia da violência**, outras há que, sendo socialmente palatáveis quando expostas ao mais amplo julgamento popular — como a democrática ou a socialista, por exemplo — podem também conduzir a resultados surpreendentemente condenáveis. Sob a égide de princípios e postulados tidos como alicerces básicos de comunidades livres, dignas e justas, ou motivadas pelas mais belas e transcendentes utopias, muitos abusos podem ser — e a todo instante são — cometidos contra indivíduos e povos.

Dito isso, parece-nos necessário acrescentar que toda e qualquer ideologia (excluídas, obviamente, as que representam decadência e retrocesso social do ser humano), pode implicar violência quando se louve em imposições de qualquer natureza, ou se aplique a estruturas sociais essencialmente rígidas.

Como afirma Gérard Mairet, num dos capítulos da obra *Histoire des Ideologies* (Hachette, Paris, 1978), da qual é co-editor e co-autor, “... estamos ainda em pleno século XIX, pois, apesar dos eventos (históricos, políticos e econômicos), limitamo-nos a manifestar uma **ideologia da dominação** (que supomos) característica do século XX, segundo a qual, *fora do Estado, não pode haver democracia*” (o grifo é nosso). E diz mais: “A Revolução Francesa colocou o povo na linha de frente da História; o liberalismo o encerrou no âmago do Estado democrático. Uma constatação importante a ser feita à luz do século XX é a de que a democracia socialista não fez mais do que usar a receita liberal, temperando-a com um molho mais forte”.

Está claro que não temos, aqui e agora, espaço ou condição para expandirmos conjecturas sobre tão apaixonante e oportuno debate. O limite de 20 linhas permite-nos, apenas, responder à indagação de Nicolau com outra indagação: a **violência da ideologia**, a que se refere, não emanará da **violência inerente ao conceito de Estado**? Ou, em outras palavras, não estará a humanidade sendo pouco a pouco conduzida para um futuro em que, como sonhavam os anarquistas e o próprio Marx previa, o conceito de Estado terá de ser abolido para que ela se realize na plenitude de seus direitos e de seu potencial de felicidade?

Enio Silveira — editor



marca da vergonha.

A foto dos nambiquaras, nus e esqueléticos, sendo embarcados em helicópteros, foi a imagem de uma vergonhosa e aviltante violência aos povos indígenas, na década de 70. Mas os nambiquaras foram apenas um símbolo, um exemplo, não uma exceção.

Cada década, talvez cada ano desses quinhentos de contato com os índios da América pode ter seu símbolo de violência, sua marca de vergonha — representados por uma foto, uma lembrança, uma lei ou uma história — porque a relação entre os que chegaram à América a partir de 1500 e os que já estavam aqui foi marcada e fundamentada no que se chamou de integração, e que significou a imposição, aos índios, de uma única língua, religião e cultura.

Mudaram os tempos, mudaram as leis e mudou a forma desse relacionamento, mas seu conteúdo se manteve. El Rei dizia que os índios deveriam viver sob o império de suas “doças, justas e humanas leis”, achando, talvez até sinceramente, que com isto estivesse protegendo-os da barbárie. O Estatuto do Índio, de 1973, diz a mesma coisa com outras palavras, apenas dissimulando a arrogância em sutileza: “Esta lei tem o propósito de integrá-los, progressiva e harmoniosamente, à comunhão nacional”. Quer dizer, procura fazer com que os índios possam deixar de ser índios para viverem, quiçá felizes, na sociedade nacional.

A violência existe — autorizada, declarada — na idéia de que a relação de dois povos tem a finalidade de transformar um em outro; de fazer com que um deles deixe de existir, para ser o outro. Fato que, escondido sob a falácia de integração, deixa transparecer a rude face da submissão, da conquista.

Como resposta a essa “integração harmônica” ou “conquista plácida” — como se fossem compatíveis os dois termos —, os próprios índios lançaram o lema “posso ser o que você é, sem deixar de ser o que sou”. Mesmo assim a consciência do Estado brasileiro deu continuidade à violência integracionista. Depois dos nambiquaras, foi a vez dos uru-wau-wau, dos waimiri-atroari, e antes deles, dos xetás, patakós, avás e muitos outros, até o pesadelo — recheado de cinematográficos efeitos especiais — do povo ianomâmi.

Ficou tão claro que a ideologia da integração era o fundamento da sistemática e permanente violência, que a Constituição de 1988 extirpou esta idéia e passou a afirmar que o Estado brasileiro reconhece os índios como eles são, com seus costumes, tradições, crenças, línguas e territórios. A lástima é que o governo brasileiro ainda não tenha tido tempo de ler a Constituição e que por isto esteja tendo dificuldades de pô-la em prática, para desespero do povo ianomâmi — o mais afetado neste momento — e de todos os povos indígenas do Brasil.

Com o avanço da Constituição, o sistema jurídico-brasileiro já dá exemplo de que é possível reconhecer os direitos dos povos, faltando apenas que o governo federal entenda e pratique o respeito a esses direitos.

Carlos Marés — advogado

tence ao corpo mas ao animal. violências microóscópicas. além do bem e do

do ssi ê TEMPOS SOMBRIOS



a que será que se destina?

Julgamento-problema: você chegou a existir?
(O Espelho, Guimarães Rosa)

Que pureza medicinal nas palavras de Freud a Jung, ao chegarem a Nova York: "Eles não sabem que lhes trazemos a peste". Concebendo o Teatro da Crueldade, Artaud também usa a analogia da peste; trata-se, em ambos os casos, de uma agressividade genuína, necessária, um vendaval espiritual: abrir janelas, purificar o ar... restituir à linguagem seu valor primeiro, mágico e verídico, para além da sugestão utilitária; evocar, trazer à luz os fundos de crueldade latente, comover o estado hipnótico da vida social, acordar. Um realismo trágico como o que Freud professa em *O Mal-Estar na Cultura* parece ser condição básica, inelutável, de toda real transformação.

A vida cotidiana, perpassada pelo terror conformista que silencia e apenas deixa *subsistir*, é o lugar das violências minúsculas, microfísicas, secretas, sobre as quais se ergue a estabilidade social em transe. Sobressaltado, fortificado, um narcisismo egóico se projeta fantástica e materialmente nos sistemas de segurança dos "bens", ameaçado por uma marginalidade pulsional não menos representativa; em deriva, como num filme, as figuras do desejo e da lei: falsas imagens do que é originariamente recalçado... Além dos roubos, sabotagens, perseguições, seqüestros, segue a série regular das mutilações e dos estripamentos, dando mais real substância ao fantasma do corpo fragmentado e ao teatro do horror de Melanie Klein. Terrorismo fraternal onde todos, entre olhados, mensuram cada um, procedentes da mesma cepa especular — metáfora abusiva, mas realizada, da verdade de que procedemos do Um —, ilustrando à exaustão a frase de Rimbaud *je est un autre*.

É fácil decifrar a moralidade social — ela se chama *Sade*.

Em contrapartida, vários sentidos para a vida são oferecidos, várias saídas nos aparelhos perversos da máquina social... Nunca cessamos de entrar ou sair do castelo kafkiano da ilusão: moeda multifária da comunicação, variedade infinita de informação, consumo de jogos e fantasias, hiperprodução...

Toda a questão, porém, é chegar a existir realmente.

Na luta por prestígio, luta-se ainda para existir, mas perdendo de vista o único e real lugar, *wo Es war*, de onde a verdade fala. O drama decantado do Senhor e do Escravo não passa de metáfora e esquecimento da verdadeira luta. Aliás, pode-se viver metafórica e até mesmo conceitualmente. Por exemplo, o cinismo pretensamente esclarecido que permeia nossa cultura é metáfora pobre demais, irrisória, do que existe e resiste além do bem e do mal.

Perci Schiavon — psicólogo

mal. je est un autre. planeta hostil. imenso UFO. piedade. uma vita violenta.



a voz de um homem vermelho

O grande chefe de Washington mandou dizer que quer comprar a nossa terra. O grande chefe nos assegurou também da sua amizade e benevolência. Isto é gentil de sua parte, pois sabemos que ele não precisa da nossa amizade. Vamos pensar em sua oferta. Se não pensarmos, homem branco virá com armas e tomará nossa terra. O grande chefe em Washington pode acreditar no que chefe Seathl diz, com a mesma certeza com que os nossos irmãos brancos podem confiar na mudança das estações do ano. Minha palavra é como as estrelas — elas não empalidecem.

Como pode comprar ou vender o céu, o calor da terra? Tal idéia é estranha. Nós não somos donos da pureza do ar ou do brilho da água. Como pode então comprá-los de nós? Decidimos apenas sobre coisas de nosso tempo. Toda esta terra é sagrada para meu povo. Cada folha reluzente, todas as praias de areia, cada véu de neblina nas florestas escuras, cada clareira e todos os insetos a zumbir são sagrados nas tradições e na crença de meu povo.

Sabemos que homem branco não compreende nosso modo de viver. Para ele, um pedaço de terra é igual a outro. Porque ele é um estranho que vem de noite e rouba da terra tudo quanto necessita. A terra não é sua irmã; é sua inimiga, e depois de a esgotar, ele vai embora. Deixa para trás a cova de seu pai, sem remorsos. Rouba a terra dos seus filhos. Nada respeita. Esquece o cemitério dos antepassados e o direito dos filhos. Sua ganância empobrece a terra e deixa atrás só desertos. Suas cidades são um tormento para os olhos do homem vermelho. Talvez seja assim por ser o homem vermelho um selvagem que nada compreende.

Não se pode encontrar a paz nas cidades do homem branco. Nem lugar onde se possa ouvir o desabrochar da folhagem na primavera ou o zunir das asas de insetos. Talvez por ser um selvagem que nada entende, o barulho das cidades é terrível para meus ouvidos. E que espécie de vida é aquela em que o homem não pode ouvir a voz do corvo noturno ou a conversa dos sapos no brejo, à noite? Um índio prefere o suave sussurro do vento sobre o espelho d'água e o próprio cheiro do vento, purificado pela chuva do meio-dia e com aroma de pinho. O ar é precioso para o homem vermelho. Porque todos os seres vivos respiram o mesmo ar. Animais, árvores, homens. Não parece que o homem branco se importe com o ar que respira. Como um moribundo, ele é insensível ao ar fétido.

Se eu me decidir a aceitar, imporei uma condição: o homem branco deve tratar os animais como se fossem irmãos. Sou um selvagem e não compreendo que possa ser certo de outra forma. Vi milhares de bisões apodrecendo nas pradarias, abandonados pelo homem branco que os abatia a tiros disparados do trem. Sou um selvagem e não compreendo como um fumegante cavalo de ferro possa ser mais valioso do que um bisão, que nós, os índios, matamos apenas para sustentar a nossa própria vida. O que é o homem sem os animais? Se todos os animais acabassem, os homens morreriam de solidão espiritual, porque tudo quanto acontece aos animais pode também afetar os homens. Tudo está relacionado entre si. Tudo quanto fere a terra fere também os filhos da terra.

Seathl — cacique sioux

pietà para pasolini

Pier Paolo Pasolini não tinha previsto a própria morte, mas o modo desapiedado e atroz, sim. Dizia, de fato — e escreveu-o mesmo —, que a piedade morreria. Entendia a piedade no sentido da relação religiosa com o real, isto é, o contrário de impiedade, a impiedade que ele via triunfar no hedonismo de massa. Disse que prevera o modo; acrescentarei que tinha mesmo previsto o lugar. Estive no lugar onde foi assassinado e reconheci-o como se já o tivesse visto outras vezes: ele já o descrevera nos seus dois romances *Ragazzi di Vita* e *Una Vita Violenta* e no seu primeiro filme *Accattone*.

O lugar encontra-se em Ostia, nos terrenos vagos nas margens do povoado, nas imediações do hidróscalo. Cheguei a Ostia pela auto-estrada apinhada de carros impacientes e casuais de domingo. Depois enveredei por um longo e anônimo caminho, ladeado de plátanos entre as casas anônimas de um anônimo bairro romano moderno. No fim do caminho havia uma praça cortada por umas obras; depois o caminho continuava mas agora já não havia casas, mas sim terrenos poeirentos e arenosos, pontilhados de barracas e cercados por arame farpado. Não era um belo dia. O céu ventoso, velado e pálido, assemelhava-se à paisagem. Um vento quente e brando levantava redemoinhos de pó na beira da estrada. Finalmente vimos alguns carros e grupos de pessoas parados nos dois lados da estrada; foi então que paramos e desescemos.

O lugar onde se dera o delito encontrava-se no interior de um daqueles recintos poeirentos, entre barracas espalhadas assimetricamente aqui e ali e ade-mais desabitadas, ou porque ainda em construção ou porque abandonadas. Um local próprio do terceiro mundo, de uma periferia do médio-oriente, de um subúrbio africano e asiático. Pasolini fora morto numa clareira, diante de um cancelo escancarado pintado de cor-de-rosa, para além do qual se via uma barraca de um só quarto, de tijolos de cimento cinzento, sem reboco nem reforços. O seu corpo foi encontrado nessa clareira, a poucos metros do cancelo, precisamente onde agora se podia ver pó e areia, que talvez tivessem sido jogados ali para esconder o sangue.

Pasolini fora atingido brutalmente com uma tá-bua arrancada àquele cancelo; talvez a tabueta tivesse já sido despregada e estivesse ali por terra, de modo que o assassino não teve senão que apanhá-la. Segundo as aparências, Pasolini teria sido agredido depois de uma alteração, lutado contra o assassino e se libertado dele. Pensando que tivesse resolvido a briga, teria voltado as costas e se dirigido para o carro. Mas o assassino, sem que ele disso se desse conta, teria ido atrás dele, atingindo-o com a tabueta, jogando-o por terra, atingindo-o ainda mais vezes sobre o corpo e o rosto e, estando Pasolini ainda vivo, o teria atropelado com o carro em marcha a ré. Esta reconstituição explica, em minha opinião, como é que um homem robusto como Pasolini pôde ser morto por um adolescente. De outra maneira, é preciso pensar num delito de grupo, político ou de outra natureza. Aliás, os motivos da agressão podem ser muitos e não os conhecemos. Mas a morte de Pasolini, na realidade psicológica, que é a única que conta, foi certamente provocada pelo ódio do assassino para consigo próprio e pela sua identificação com Pasolini no momento do delito. Matando-o, o assassino quis punir-se; o homicídio foi portanto uma espécie de suicídio dissociado e objetivo.

Alberto Moravia — escritor

ta. o assassino quis punir-se. três cérebros. ideologia da dominação. purificar.

Excelência é a mãe!

Teófilo Bacha Filho

O rei está nu no mundo maravilhoso do salamaque, onde tudo é lento, poroso, pausado. Aqui, em tom irreverente, Teófilo Bacha Filho inventa e desinventa as firulas da corte.

Você sabe com quem está falando...?
(frase corrente no Brasil)

Não tem escapatória: ocupou uma mesa de repartição pública, virou excelência. O pior é que, com o correr do tempo e o bater dos carimbos, você passa a acreditar de verdade na sua excelência, começando a olhar os outros do alto do seu pedestal, ao mesmo tempo que aprende a dobrar bem a espinha diante das excelências acima da sua.

O Brasil, certamente, se destaca no que se costuma chamar pomposamente de "concerto das nações", por ser o único lugar do mundo onde alguém pode se tornar doutor sem jamais defender uma tese na Academia. Basta ter o nome impresso no Diário Oficial. Ocupar um gabinete numa repartição pública, especialmente se você for (ou aparentar ser) "amigo dos homens", é passe certo para ganhar o título que o distinguirá do comum dos mortais: agora você é "Doutor" Fulano de Tal. Assim, o nosso mundo oficial é povoado por excelências e doutores e, principalmente, por "chefes", palavra pronunciada com requintes de submissão pelos subalternos e ouvida com prazerosa volúpia pelos nominados. Seria até interessante que essa expressão semântica do organismo do poder em nossas plagas fosse pronunciada sempre em seu original germânico: *fuehrer* cairia muito bem para muitas de nossas autoridades.

A impressão que se tem é de que este é um país de monarquistas. Razão tem o Jô Soares: se poucos são os assumidos, como o Cunha Bueno, a maioria é de enrustidos. Na verdade, quase todo mundo tem saudades de uma realeza que não conheceu, mas que está bem viva no imaginário. Quem sabe, não Freud, mas Jung poderia explicar? Basta ver o *frisson* denunciador que perpassou a sociedade quando da visita dos príncipes da Inglaterra. Claro que não há porque nos admirarmos com relação às nossas elites, permanentemente boquiabertas diante de tudo o que vem de fora e, portanto, naturalmente propensas a render-se sem restrições aos encantos e ao charme do sangue azul (especialmente quando também os olhos são azuis e os cabelos, loiros). Mas, poderíamos dizer o mesmo de vastos setores da nossa imprensa, sempre tão aguerridamente crítica na sua condição de assalariados mal pagos? E também não deixaram de ficar assanhadíssimos com o real casal, enaltecendo cada suspiro dado por Suas Altezas em seu périplo...

É evidente que isso denuncia a permanência de nossas raízes coloniais, em seu pior sentido. É a nossa saudade dos bons tempos em que cada um sabia qual era o seu lugar. É o nosso viés pelo exercício do mando como mandonismo, e não como autoridade. Esta, do latim *augere*, traz a idéia de fazer crescer, aumentar o vigor, plenificar. Aquele, traduz-se como imposição e distanciamento calcados na relação senhor/escravo. Daí porque pessoas comuns, que tomam seu chopinho no bar, conversam na esquina e namoram no cinema, mudam inopinadamente quando alçadas a algum cargo público. Mumificam-se num terno-e-gravata, amarram um ar grave de quem deve zelar pela pátria e se tornam pessoas "sérias". Sua grande preocupação passa a ser a luta incessante, diuturna, pela conquista da suprema glória: alcançar a tríade sala/telefone/secretária, marca indiscutível da sua pertença ao universo dos predestinados. Agora você também é "chefe"! Seu trato com as pessoas passa a ser contido, grave, formal, como convém a quem deixou de ser um qualquer e tornou-se verdadeiro "ornamento social" (Roberto Gomes). A transformação está completa. Você só sobe em elevadores "privativos", atravessa portas "privativas", possui arquivos "privativos". Você não é mais um qualquer. Você é uma "excelência"...!



No mundo maravilhoso das excelências tudo é gentil, nobre, pausado. Tudo é completamente diferente da rudeza e grosseria do mundo real no qual as pessoas, abrutalhadas pelas necessidades do cotidiano, não possuem a *finesse* e o *savoir-faire* dos que ocupam um plano superior. No mundo real, a vida é posta a nu, sem vergonha; no mundo das excelências, ela é depurada pelo filtro mágico da aparência. É por isto que parlamentares podem se xingar, mas jamais devem abandonar o tratamento regimental e protocolar. "Vossa Excelência é um fdp" talvez seja a expressão que indique o corte semântico-epistemológico entre um mundo e outro. Enquanto no mundo real o xingatório brota da desordem da paixão, no mundo oficial ele se torna fórmula limpa e anódina, eventualmente desaparecendo das notas taquigráficas para salvar a reputação das excelências.

O único problema é que o mundo real é rebelde, subversivo, marginal e não se submete. Reage. Desrespeita. Mostra que o rei está nu e a excelência não passa de um bufão fantasiado. Como nas operetas, o ato final é sempre o da desmistificação das farsas e da exposição da verdade de cada um. O grito pela liberdade de ser é mais forte que as mordidas cerimoniais dos protocolos de fraque-e-cartola criados pelos que têm complexo de "otoridade". O mundo real, sábebor de que o poder é representação cuja função primordial é servir (e não impor), acolher (e não dominar), faz com que a empáfia do mando seja mortalmente fulminada pelo gingado do malandro que, ao invés de curvar a cabeça, prefere retrucar "excelência... é a mãe!"

TEOFILO BACHA FILHO nasceu em São Paulo SP, em 1946. Estudou Filosofia e Teologia em Campinas SP. Foi professor de ensino religioso nas cidades de São Paulo e Londrina. Atualmente leciona em Curitiba. Publica artigos em vários jornais do Paraná, abordando temas relacionados principalmente à área de Educação. É membro do Conselho Estadual de Educação do Paraná e assessor especial do governador Roberto Requião.

CITIZEN KANE - perfil de um clássico

Há cinquenta anos, o 'enfant terrible' Orson Welles (1915-1985), que considerava o cinema o maior brinquedo que uma criança poderia ter, entrou nos estúdios da RKO para dirigir e interpretar um filme que assombraria o mundo: 'Cidadão Kane'. Traçando o perfil deste marco do cinema moderno, três olhares: Wim Wenders, Lélío Sotto Maior Jr. e Cesar Santos Fontenla.

uma pista



cine piccadilly

tradução: Gehrad Hopner

A primeira vez em que vi *Citizen Kane* estava embriagado. Sentei numa das poltronas *rouges* dum pequeno cinema parisiense chamado Piccadilly. Eu havia brigado com a namorada e o maço de flores em minha mão assustou o cara ao lado.

Desde o início percebi que o filme de Orson Welles era regido pelo instinto de um gênio: síntese e conflito no todo dos fotogramas, pequenas explosões, achados sutis contidos em impecáveis fugas de câmara.

A bebedeira começou a passar. O maço de flores no chão. O preto-e-branco do filme girava em minhas retinas, equilibrava em funduras que depois apro-

veitei na filmagem de *Asas do Desejo*. Olhei pra trás e pro lado: eu estava só, no cinema.

Depois de alguns dias é que fui perceber que havia assistido a um filme assombroso. Não posso esquecer do *trenó* com a palavra *Rosebud*, do *papa-gaio*, da luz, da sombra. Pensei em *Yazujiro Ozu* e escrevi: "Ozu, o mestre, tinha uma força extraordinária e imprimiu a tudo ao seu redor a sua aparência. Assim, tudo era *Yazujiro Ozu*. No estúdio, por exemplo, ele não cuidava apenas dos aspectos gerais dos cenários, mas também de cada detalhe e pormenor".

Penso que as mesmas palavras serviriam para contar a trajetória deste *enfant precoce* que desafinou o cinema e curou meu porre.

Wim Wenders — cineasta (Alemanha)

Antes de tudo, uma pista: Welles é o mais jornalista dos cineastas americanos. Nada de "verdades profundas", mas de certezas evidentes, sensíveis, legíveis. Há aqui um (a)cúmulo de evidência, de nitidez e de legibilidade que confunde: o olho humano não está acostumado ao muito perto ou ao muito longe. Welles, *buffone*, faz tempestade num copo d'água e diz uma verdade tão simples com tanta ênfase, fôlego, arroubo e impetuosidade que as pessoas acabam tomando a impetuosidade pelo essencial, o raio sendo, justamente, o seu emblema, o seu brasão oficial. No centro de sua obra, nada menos que uma certeza: a impossibilidade de obter, conhecer.

É bem engraçado que uma obra plena de desembaraço, de fluidez, felicidade e volúpia de expressão venha testemunhar a impotência do cinema. Em Welles, o óbvio está tão em primeiro plano que passa despercebido pelos *wellesianos*, que não o enxergam e partem para a busca de uma verdade mais espiritual. Agem da mesma forma os jornalistas-investigadores (toda obra de Welles é uma investigação — uma enquete, uma reportagem, um *règlement de comptes* — que acaba por se demitir): demasiadamente inteligentes, partem, no seu processo de conhecimento, para o multidimensional, fazendo quase que um levantamento cibernético da personalidade de Charles Foster Kane. Vão do mais íntimo ao mais público, do mais psicológico ao mais político, sem compreender que muitas vezes o mais secreto está no mais elementar, o mais verdadeiro no mais mecânico, e que a inteligência, essa frágil varinha de condão...

Na constatação dessa primária (pra não dizer infantil) verdade está aquela *Chave-Básica* tão arduamente procurada pelos amantes da por eles chamada *Sétima Arte*. Nesta humildade quase mística, neste pudor quase ascético está o *glamour* de *Citizen Kane*, filme unidimensional, óbvio, unívoco. Aliás, o mesmo erro dos investigadores comete *Joseph K.* (em *O Processo*, do mesmo Welles), que argumenta, discute, ataca, interroga, polemiza, quando talvez uma simples troca de palavras bastaria para pôr os pratos a limpo.

Welles devia ser um homem muito infeliz: a mais inocente das dialéticas, a do coração, é nele tomada pela mais calculada das maquinações, pela mais construída das equações, pelo mais brilhante dos silogismos, pelo mais contundente dos sistemas, pela mais "revolucionária" das trucagens. Orson Welles é um franciscano tomado por jesuíta. E talvez ele seja ambos: *O Cidadão Kane* guarda esta perfeita harmonia, só encontrável na arte da Renascença, da parte do artifício com a parte do natural.

Lélío Sotto Maior Jr. — crítico de cinema (Brasil)

botão de rosa

tradução: Paulo Méséglise

O filme norte-americano de Orson Welles começa no momento da morte de Kane (Orson Welles). Sua última palavra é *Rosebud* (botão de rosa). Um jornalista, encarregado de fazer uma reportagem sobre a personagem, põe mãos à obra. A vida do poderoso magnata da imprensa vai reconstituindo-se através dos testemunhos daqueles que o conheceram. As memórias de Kane evocam sua infância junto à mãe (Agnes Morehead); o velho Bernstein (Everett Sloane) conta como Kane dirigia o jornal e de que modo havia provocado a guerra de Cuba; Leland (Joseph Cotten), antigo amigo seu, narra o casamento de Kane com a sobrinha do presidente dos Estados Unidos (Ruth Warrick), seus amores com uma jovem (Dorothy Comingore), com quem se dá seu segundo casamento, e seu fracasso à candidatura presidencial. Sua segunda esposa fala dos esforços infrutíferos de Kane para convertê-la em cantora, da retirada dos dois ao fabuloso Castelo de Xanadu e de seu fracasso matrimonial. A palavra *Rosebud* não aparece nessas narrativas. Porém, o espectador — e só ele — saberá, ao final, o seu significado: é a inscrição que figura num trenó que Kane possuía em sua infância.

Esse brevíssimo resumo não pode dar uma ideia da riqueza deste primeiro filme de Welles, análise de uma personagem na qual já estão implícitas as características dos filmes que dirigirá posteriormente e na qual muitos pretendiam ver uma sátira de W. R. Hearst, rei da imprensa americana. Trata-se de um filme de enorme complexidade, tanto em seu

relato como nas técnicas empregadas. São célebres as cenografias com teto e profundidade de campo, obtidas graças aos procedimentos técnicos criados por Toland, o fotógrafo do filme. No relato encontramos uma inteligentíssima utilização do *flash-back*, que permite dar, quando o caso requer, versões distintas de um mesmo acontecimento, segundo a ótica de quem o descreve.

Realizado com inteira liberdade quanto ao tema e aos meios dos quais se pôde dispor, o filme não passa, em nenhum momento, a impressão de uma obra de estréia. Foi evitado todo "didatismo", graças à apresentação dos efeitos-chave da vida pública e privada de Kane, como se o filme fosse um quebra-cabeça o qual o espectador se vê obrigado a desvendar e com o qual assume um papel ativo.

Pela modernidade de seu estilo — no qual sem dúvida não são pequenas as influências do Expressionismo —, a película não foi compreendida pelo público americano de seu tempo, ainda que a crítica a tenha acolhido com entusiasmo. Por sua vez, o público europeu só veio a conhecê-la anos mais tarde, em virtude das circunstâncias históricas. Esta situação fez com que a RKO — que havia acolhido com braços abertos o recém-chegado *enfant terrible* — modificasse sua atitude a respeito de Welles.

Sem nenhuma dúvida, a influência do filme foi aumentando com o decorrer dos anos, até o ponto em que é possível afirmar que o cinema atual não seria o que é se Welles não tivesse realizado *Cidadão Kane*. No referendo de Bruxelas de 1959 foi considerado um dos melhores filmes de todos os tempos.

Cesar Santos Fontenla — crítico de cinema (Espanha)

um americano singular

"A vontade de tomar remédios é uma das principais características que distinguem o homem dos animais", proclamou, desde o berço, com apenas 18 meses, o bebê George Orson Welles. Tanto que o médico da família, Maurice Bernstein, disse: "O garoto é um gênio!" Todos foram concordar com isto mais tarde, em 1941, quando a RKO e a Mercury Productions deram ao mundo os 119 minutos do longa-metragem *Cidadão Kane* (votado, por duas décadas, pela crítica mundial, como o filme mais importante de todos os tempos). Nascido em Kenosha, Wisconsin/EUA, no dia 6 de maio de 1915, Welles estudou pintura no Chicago Art Institute, de 1931 a 1933, trabalhando também como ator em Dublin (Irlanda). Em 1937, formou-se com John Houseman no Mercury Theatre. No ano seguinte, passou a trabalhar como locutor na rádio CBS. Foi lá, em 30 de outubro de 1938, que uma emissão de *A Guerra dos Mundos*, de H. G. Wells, provocou pânico na população da América, tornando Orson Welles celebridade nacional. Entre seus filmes devem ser citados *Cidadão Kane*, *Soberba*, *A Marca da Maldade* e *Verdades e Mentiras*. Veio ao Brasil em 1942, permanecendo no Rio de Janeiro entre os meses de fevereiro e agosto. Neste espaço de tempo filmou o carnaval, o Cassino da Urca e teve um *affair* com a cantora Linda Batista. De gestos largos e riso numeroso, Welles logo se tornou um tipo muito popular: ao invés de festas e *champãs* em Copacabana, preferia os morros, onde ficava horas ouvindo conversas nas biroscas e o batuque dos tamborins. Um fato curioso, citado pelo crítico de cinema Sérgio Augusto para Nicolau, é o de que Welles, ao beber cachaça, costumava reverenciar os orixás do candomblé jogando um pouco da bebida por cima do ombro, num gesto tipicamente brasileiro. Em setembro foi ao Ceará registrar favelas e jagadeiros no semidocumentário *It's All True* (É Tudo Verdade), com a participação do ator Grande Otelo (por falta de verba que cobrisse o orçamento, o filme não pôde ser finalizado). Magistral na arte de impressionar as pessoas, alguns amigos íntimos chamavam-no de "o charlatão chique". O cineasta morreu no dia 10 de outubro de 1985, em Los Angeles, Califórnia/EUA.



os maiores clássicos

Sérgio Augusto — crítico de cinema

Singing in the Rain (Cantando na Chuva). Stanley Donen e Gene Kelly, EUA, 1952.
Citizen Kane (Cidadão Kane). Orson Welles, EUA, 1941.
Vertigo (Um Corpo que Cai). Sir Alfred Hitchcock, EUA, 1958.
The Searchers (Rastros de Ódio). John Ford, EUA, 1956.
Tabu (Tabu). Friedrich Wilhelm Murnau, EUA, 1930.

José Lino Grünewald — poeta

2001. *A Space Odyssey* (2001, Uma Odisséia no Espaço). Stanley Kubrick, EUA, 1968.
City Lights (Luzes da Cidade). Charles Chaplin, EUA, 1931.
Modern Times (Tempos Modernos). Charles Chaplin, EUA, 1936.
Citizen Kane (Cidadão Kane). Orson Welles, EUA, 1941.
Maytime (Primavera). Robert Z. Leonard, EUA, 1937.

Berenice Mendes — cineasta

Birth of a Nation (Nascimento de uma Nação). David W. Griffith, EUA, 1915.
Oktyabr (Outubro). Sergei Eisenstein, URSS, 1927.
Citizen Kane (Cidadão Kane). Orson Welles, EUA, 1941.
Deus e o Diabo na Terra do Sol. Gláuber Rocha, Brasil, 1963.
Il Vangelo Secondo Matteo (O Evangelho Segundo São Mateus). Pier Paolo Pasolini, Itália, 1964.

Sérgio Bianchi — cineasta

Vivement Dimanche (De Repente, num Domingo). François Truffaut, França, 1983.
Apocalypse Now (Apocalypse). Francis Ford Coppola, EUA, 1979.
Citizen Kane (Cidadão Kane). Orson Welles, EUA, 1941.
Hiroshima Mon Amour (Hiroshima, Meu Amor). Alain Resnais, França, 1959.
Radio Days (A Era do Rádio). Woody Allen, EUA, 1987.

Sylvio Back — cineasta

Apocalypse Now (Apocalypse). Francis Ford Coppola, EUA, 1979.
Ai no Korida (O Império dos Sentidos). Nagisa Oshima, Japão, 1976.
Singing in the Rain (Cantando na Chuva). Stanley Donen e Gene Kelly, EUA, 1952.
The Damned (Os Deuses Malditos). Luchino Visconti, It./Al., 1969.
Hiroshima Mon Amour (Hiroshima, Meu Amor). Alain Resnais, França, 1959.

Júlio Bressane — cineasta

Citizen Kane (Cidadão Kane). Orson Welles, EUA, 1941.
Touch of Evil (A Marca da Maldade). Orson Welles, EUA, 1958.
Macbeth (Macbeth, Reinado de Sangue). Orson Welles, EUA, 1948.
Intolerance (Intolerância). David W. Griffith, EUA, 1916.
The Navigator (Marinheiro por Descuido). Buster Keaton, EUA, 1924.



* O APOCALIPSE DE JOÃO. CAP:14- VERS:14-16-16- A CEIFA.



NÃO DIZ NADA, HEM? TÁ LEGAL, ENTÃO ESCUTA LA!

E... NÃO SOU MUITO BOM COM AS PALAVRAS, MAS TENTAREI LHE MOSTRAR ALGUMAS COISAS PELAS QUAIS VALE A PENA DEIXAR QUE A VIDA HUMANA AINDA CONTÍNUA A EXISTIR NESTE PLANETA. CITAREI ALGUNS NOMES E ALGUMAS COISAS. VOCÊ SABE O QUE ELES SÃO!



BEM, PODERÍAMOS COMEÇAR POR HENRY FORD OU THOMAS EDISON, POR EXEMPLO, OU SANTOS DUMONT. TALVEZ SABIN, FLEMING, LOUIS ARMSTRONG, O TOM JOBIM, BEETHOVEN OS BEATLES, GHANDI, SEI LA', SEMPRE HAVERÁ ALGUÉM COMO LUTHER KING, CHAPLIN, OS GRANDES PINTORES COMO VAN GOGH, LEONARDO DA VINCI, TINTORETTO, UTRILLO, CINEASTAS COMO FELLINI, HITCHCOCK, WOODY ALLEN. TALVEZ VOLTEMOS A TER CARAS COMO EINSTEIN, GALILEU, DESCARTES, SÓCRATES, PLATÃO. HAVERÁ AINDA GÊNIOS DA ALEGRIA COMO PELÉ, GARRINCHA, ZICO. GRANDES GESTOS DE SOLIDARIEDADE TÊM SURTIDO ULTIMAMENTE, QUE TENDEM A CRIAR CORPO, VIRAR HÁBITO, PODERIA FALAR A NOITE INTEIRA.

A LISTA É MUITO GRANDE. TUDO ISTO VAI ACABAR?

E... ACHO QUE NÃO ESTOU AGRADECENDO MESMO. PELO MENOS TENTEI!.

HEI! QUE TAL AQUELA CERVEJA?

O SONHO NÃO

FIM?
06/91

ÁGUA QUENTE

Numa das mais completas reportagens sobre a erva-mate, a jornalista Teresa Urban conta a história desta planta de folhas mágicas, cultivada à sombra dos pinheirais.



Martha Feldens

O Livro do Matte, de Teresa Urban, pela abordagem ampla de seu objeto, pode ser considerado uma completa — a mais completa, talvez — reportagem sobre a erva-mate. Num texto leve mas preciso, que caracteriza todo o trabalho jornalístico da autora, o livro apresenta a erva-mate sob os mais variados aspectos e vai além das outras obras sobre o tema, justamente por reunir, num só trabalho, lendas, receitas, curiosidades, importância histórica e econômica, industrialização, tecnologia e aspectos nutricionais e ecológicos referentes à erva-mate.

Teresa abre agradavelmente sua reportagem com a bonita lenda sobre os origens do mate. Conta que quando nossas terras ainda eram habitadas apenas por índios, os deuses dos guaranis desceram na América do Sul, trazendo, como presente, uma planta que cresceu e se multiplicou à sombra das matas dos pinheiros, nos vales dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai. Logo os guaranis entenderam a razão do presente divino, ao prepararem, com a erva a que chamaram de caá, “a bebida caá-i”, uma espécie de poção mágica que os transformava em bravos guerreiros e os deixava felizes.

É claro que os brancos exploradores, ao chegarem, ficaram curiosos com a bebida oferecida gentilmente pelos índios. Desde então, chimarrão e tererê são tomados no Brasil e países do sul da América por todo tipo de gente. Tudo isso é contado no início do livro de Teresa, junto aos relatos de perseguições que a erva-mate sofre, por ser tão apreciada por brancos e índios, pobres e ricos, enfim, por todos quantos tivessem a oportunidade de provar da bebida — ou erva do diabo, como quiseram alguns senhores da Igreja, na época.

Lendas e historinhas doces e suaves se associam, n’*O Livro do Matte*, ao relato do concreto negócio da erva-mate, sem que se tenha a sensação de despertar de um sonho bom. Em seguida, a autora descreve o mate quimicamente — afinal, uma reportagem completa tem que ter de tudo —, passeando pela geografia das reservas nativas e pelos intrincados processos de industrialização da erva, desde os primórdios de seu uso até os dias atuais.



Teresa dedica algumas páginas ao outro mate, o tostado, e à empresa que o lançou industrialmente no Brasil, a Leão Júnior — fundada em 1901 por Agostinho Ermelino de Leão Júnior — patrocinadora da edição do livro. A conhecida frase “matte leão — já vem queimado”, foi lançada numa época bem propícia. Era final da década de 30, a Segunda Guerra Mundial já perturbava a Europa e as importações do chá-da-índia começavam a ficar difíceis. De olho num velho hábito dos tomadores de mate — o de colocar uma brasa sobre a erva para dar-lhe uma

leve sapecada e conseguir aroma e sabor um pouco diferentes — a mais tradicional indústria do ramo lançou o chamado “chá brasileiro”. Foi um sucesso, que abriu à indústria ervateira novas alternativas e ao consumidor uma gama de novos produtos: hoje se tem à disposição copinhos de chá gelado, nas praias, mate instantâneo solúvel, mate concentrado, além dos tradicionais chá em saquinhos e a granel.

Capítulo especial também mereceu o chimarrão, com seus ritos e aparatos. Teresa acrescenta, nesta parte, historinhas pitorescas, diferentes das que se contam por aí. Por exemplo, a da colona polaca, que hoje toma muito chimarrão, mas que, ao chegar ao Brasil, achou estranhíssima a bebida que brasileiros lhe ofereceram num ainda mais estranho porongo (espécie de cuia ou cabaça). Orientada para que, ao chegar ao País, aceitasse o que lhe fosse oferecido, a fim de “não contrariar os costumes nativos”, a polaca não teve dúvidas: fazendo a bomba de colher, comeu um pouco da erva molhada. As receitas, já quase ao final d’*O Livro do Matte*, incluem o chimarrão, sempre considerado de preparação difícil. Quem entende do assunto e quiser conferir, vale: a receita funciona mesmo.

Para terminar, um glossário para os menos iniciados. Enfim, uma reportagem completa.

O Livro do Matte. Teresa Urban. Editora Salamandra, Rio de Janeiro, 1990. 93 págs. Editor: Marcos da Veiga Pereira. Projeto gráfico e diagramação em *desktop publishing*: Claudia Lopes Mendes. Fotografias e reproduções: Nego Miranda e Arquivo Leão Júnior.



MARtha FELDENs, 30, nasceu em Pelotas/RS. Repórter da sucursal do *Jornal do Brasil* no Paraná.

no alto

Lua de espantos, brilhas por dentro
da palavra escondida, e preservas
o corpo do esquecimento das mãos,
mulher de luz, pele de eternidade.

Os dentes da febre ferem minha boca
no desvario de doída saudade
e acalenta a vida de esperanças,
esfinge de entrega e sofrimento.

O jade de teu carinho cinge
uma pedra de estela e inscreve,
na raiz da intempérie, a tua
doce fala, na solidão, no alto.

Pascoal Motta — MG

tanka

porque te debulho
és veneno cervantino
transe arqueante
mastigo simplicidade
aperas isso me basta

Leontino Filho — CE



OUA
DRA
NTE

OUA
DRA
NTE

OUA
DRA
NTE

trapos ingleses

Visto abismos de ar e considerações
sem disfarces mantendo a boca aberta
espero lesmolivas touvas e um russo
que as tome nos braços e afugente seu som
(apago o pavio da vela)

Rita Joly — PR

trama

um homem é a cara da sua casa
por trabalho ou sorte arquitetada
um homem quando não tem casa
mora no meio da sua cara
não da sua que suor exala
até bem pouco antes da morte
da dele, que sem ter sala que pinte
da cor à cara, como nariz de palhaço
um homem sem a sua casa
é o começo de um circo

Fábio Brüggemann — SC

CARTAS NA PÁGINA

Sinto-me orgulhoso, como poeta e brasileiro, por existir um jornal com a qualidade de **Nicolau** — sobranceiro. Que este projeto prossiga corajosamente, em meio a tantas tempestades culturais no País, sob a a direção lúcida e inventiva de um escritor. Sou grato, também, pela beleza gráfica com que foi apresentado, na edição 38, o fragmento de minha novela inédita *O Túnel Perfeito*, com ilustrações admiráveis. **Carlos Nejar**, Vitória/ES.

Estamos sugerindo aos organizadores do tradicional Prêmio Esso de Jornalismo a criação do Prêmio Esso de Jornalismo Alternativo. Reconhecemos que a quantidade de informativos e jornais alternativos publicada no País é bem superior à qualidade. Entretanto, inúmeros são os que procuram, apesar das dificuldades, apresentar um trabalho bom sob todos os aspectos. Os organizadores do Esso se mostraram bastante sensíveis à ideia. Sugerimos, como dignos de apreciação, entre outros, os jornais Poemia, Nicolau, Garatuja, Maioria Falante e Blocos. Carlos de Barros, Curitiba/PR.

Escrevo parabenizando-o pelo espaço dado ao quadrinho com Glauco Mattoso e Bira, na edição 37 de **Nicolau**. Tomara que seja um espaço constante e que outros autores possam ocupá-lo também. Valeu. Valeu mesmo! **Mozart C. Couto**, Juiz de Fora/MG.

Deixei São Paulo mas não deixo Nicolau. Continuo tieta antropofágica de suas caetânicas irreverências. Por falar nisso, a edição 37 está um desmascarado. Alice Ruiz conseguiu a mais wisnikiana entrevista com José Miguel Wisnik. O Hölderlin, pelas mãos de José Paulo Paes, os haicais de Millôr e o texto de Julio Cortázar são sons melódicos com fonas de ouvido. Por isso, sob esse sol nordestino, disfarçado de chapéu, vou ouvindo o meu walk-man Nicolau. Amador Ribeiro Neto João Pessoa/PB.

Bela a capa de **Nicolau** 36 (a do ténis do qual cresce uma plantinha, foto de Fernanda de Castro), que expressa a realidade de muitas coisas. O princípio, o meio e o fim estão retratados de maneira exemplar, num raro conjunto humanidade/natureza. Outra: **Nicolau** estará presente na edição 33 do nosso *Galope Poético*. **Jurandir Schmidt**, Joinville/SC.

Há muito tempo vimos acompanhando a maravilhosa trajetória de Nicolau, um dos mais belos periódicos culturais editados no Brasil. Não podemos perder o contato: este jornal brasileiro tem servido como um autêntico retrato do Brasil, sobretudo para nós, escritores colombianos. Milciades Arevalo, Revista Puesto de Combate, Bogotá/Colômbia.

Maravilha. Maravilha "a mil" a última edição de **Nicolau**, a que traz a avançadíssima marca 38. A entrevista com Jung, o mosaico sobre a eternidade, a linha de montagem do grande Mauro Alice, os contos, os poemas, o REVELAÇÕES... Tudo, amigos, um verdadeiro espetáculo gráfico e editorial. Dá gosto ser paranaense! E não falo de "paranismo" babaca, coisa à qual, graças a Deus, **Nicolau** não se soma. **Eusébio Martins Costa**, Londrina/PR.

Excelente o trabalho que Nicolau continua desenvolvendo com o dos jornais de cultura mais importantes do País. O nosso sindicato se declara, publicamente, como efetivo divulgador e entusiasta do brilhantismo desta imprensa que se faz ui, do Paraná para o Brasil. José Maria de Souza Dantas, Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ.

Continuo acompanhando o inquebrável e inquebrantável **Nicolau**, resistindo — *re-sistindo e sobre-sistindo*, que é o que nos interessa, neste mar de merda que é a 1-nação brasileira. Gostaria de destacar, na edição 36, a entrevista degringolada de Leo Gilson Ribeiro, da qual valem ser lembradas suas tucadas nos "corruptos literários" (a corriola de corrupções), e sua crítica à cultura (*Kulturkritiker?*). Valem a pena, desde que nossas almas não padeçam de gangrena. Revitalizante a página dos poemas (com o *macrozoetico* texto de Leila Miccolis, "a pequena notável"). Marca um tento — e tanto — as traduções de Li Tai Po, o poeta que morreu abraçado à lua. De minha parte, continuo fazendo *A Ponte* (já no n.º 8, com traduções de Rimbaud e Khlebnikov). **Marcos de Farias Costa**, Macció/AL.

Que pena... Que pena que a imprensa, o rádio e a televisão tenham descido ao nível da linguagem de sarjeta na divulgação de notícias, telenovelas e principalmente nos programas humorísticos. Que pena... Que pena que até bons escritores estejam apelando, no Nicolau/37 (HQs de Glauco Mattoso e Bira), para esse linguajar, pretendendo com isso ser realistas. Que lástima que ainda estejamos recebendo folhetins contendo "poemas" (!?) ridículos. Que afronta! O Fanal não desce a tanto... Walter Bossi, Casa do Poeta/Jornal Fanal, São Paulo/SP.

Ensino Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Centro Studi Americanistis Circolo Amerindiano, aqui em Perugia, e tenho ouvido falar muito de **Nicolau**, sobretudo nos meios de estudos de literatura e língua portuguesas. **Vera Lúcia de Oliveira Maccherani**, Perugia/Itália.

Olha, gente, é impressionante o pique deste nosso alternativo Nicolau. Não exagero, creio que não exagero nem um pouquinho, quando afirmo, com a maioria dos leitores do Brasil e Exterior: esta publicação é um dos mais importantes veículos culturais do País. E, sendo o jornal um "bicho do Paraná", nos reacende o ufanismo. Parabéns. Kátia Melo Silveira, Foz de Iguaçu/PR.

Todos os meus votos de que **Nicolau** continue — agora no governo Roberto Requião — como grande veículo cultural, num país onde tão poucos assumem empreendimentos desta envergadura. Parabéns. **Iranete Ponsoni**, Nova Prata/RS.

Depois de anos lendo Nicolau religiosamente, é que tomo coragem para dizer-lhes que de todas as publicações culturais que conheço esta é a melhor. Fico muito feliz e me delícia sobretudo com os poemas que vocês publicam. Marlene Cabral, Cacoal/RN.

Encaminho material relativo ao colóquio *A Imprensa de Língua Portuguesa no Mundo*, realizado pela Unesco, em Paris, no início de junho deste ano, do qual participei com uma comunicação sobre a imprensa alternativa no Brasil e no qual **Nicolau** foi destacado como um dos melhores jornais culturais do País. **Dallia Teles Veras**, Santo André/SP.

Nunca é tarde lembrar o fato — que é de conhecimento de todos, ou pelo menos deveria ser — de que a Cultura foi sempre analisada por duas posturas: pela hierarquia e pelo relativismo. O que penso sobre quase todas as manifestações no Brasil é que predomina um certo "clima" de subserviência — na produção cultural mesma — aos modelos importados ou então prevalecem celebrações sudosistas. Exemplo? Ranço de "década dos anos 60"; um apunhado controverso. Nicolau aponta novos rumos na recente abrangência cultural: nem conformismo nem continuísmo. Herald Alvim, Divinópolis/MG.

INDEPENDENTES

Garatuja

SUPLEMENTO LITERÁRIO DO JORNAL LACONICUS

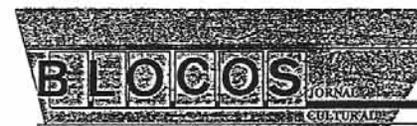
Edição: Ademir Antonio Bacca
Rua Saldanha Marinho, 484 (fundos)
Caixa Postal 41 — Bento Gonçalves/RS — CEP 95700
Tel. (054) 252-2243

Poemia

Edição: Marcelo Miguel
Av. Brig. Luis Antonio, 478/CJ. 907
São Paulo — CEP 013018
Tel. (021) 843-3729

INDEPENDENTE

Edição: José Fernando Simone
Caixa Postal 56027 — Rio de Janeiro/RJ — CEP 22290
Tel. (021) 289-7975



Edição: Urhacy Faustino e Leila Miccolis
Caixa Postal 25029 — Rio de Janeiro/RJ — CEP 20552

Poemagia*

Edição, redação e revisão: Tânia Gabrielli
Caixa Postal 16601 — São Paulo/SP — CEP 03197
Tel. (011) 965-4944

As cartas dirigidas ao **Nicolau** poderão ser editadas resumidamente, por problema de espaço ou falta de clareza. Escreva, opine, sugira. Rua Ébano Pereira, 240 Curitiba — Paraná — 80410

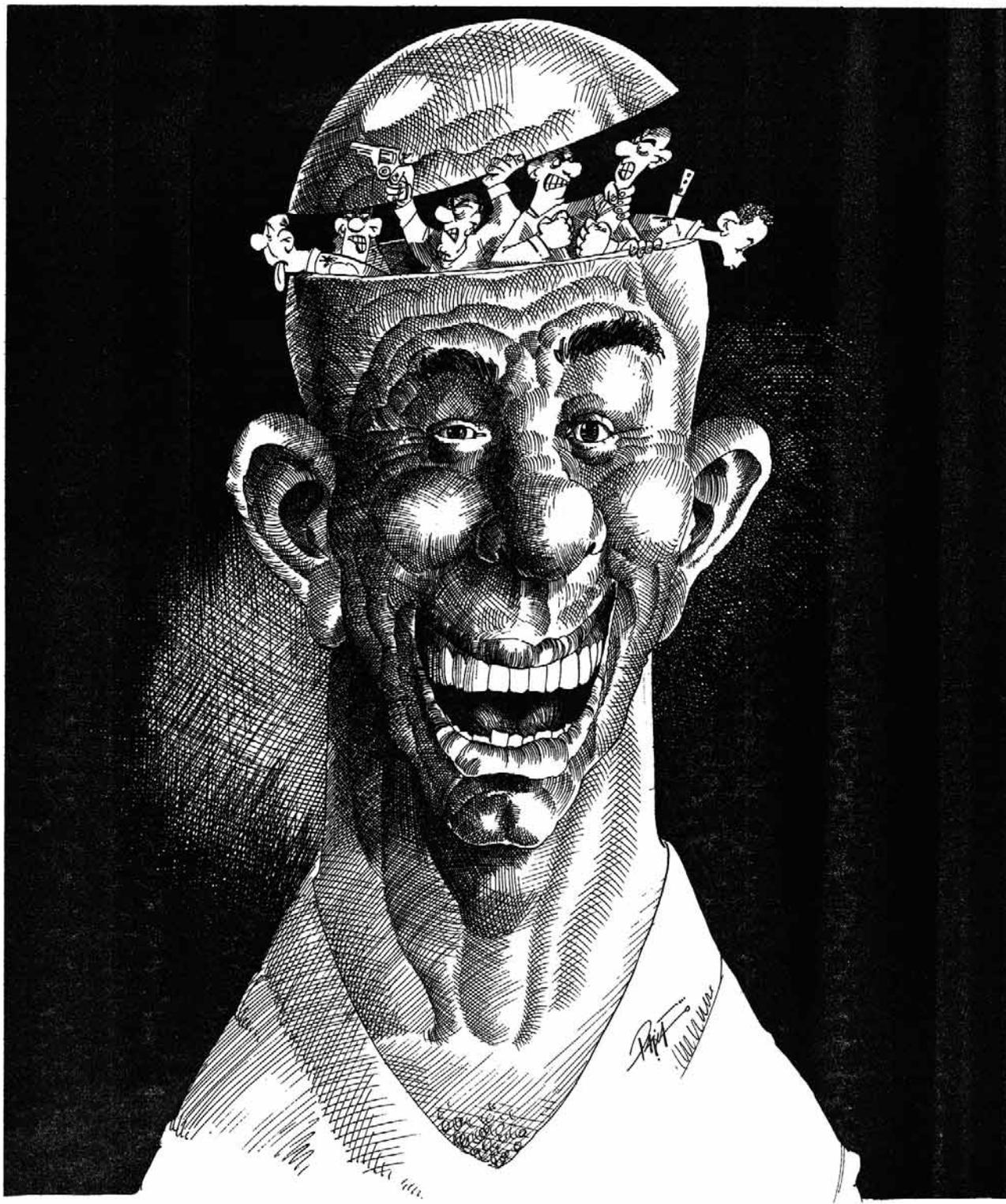
válido somente para o paraná

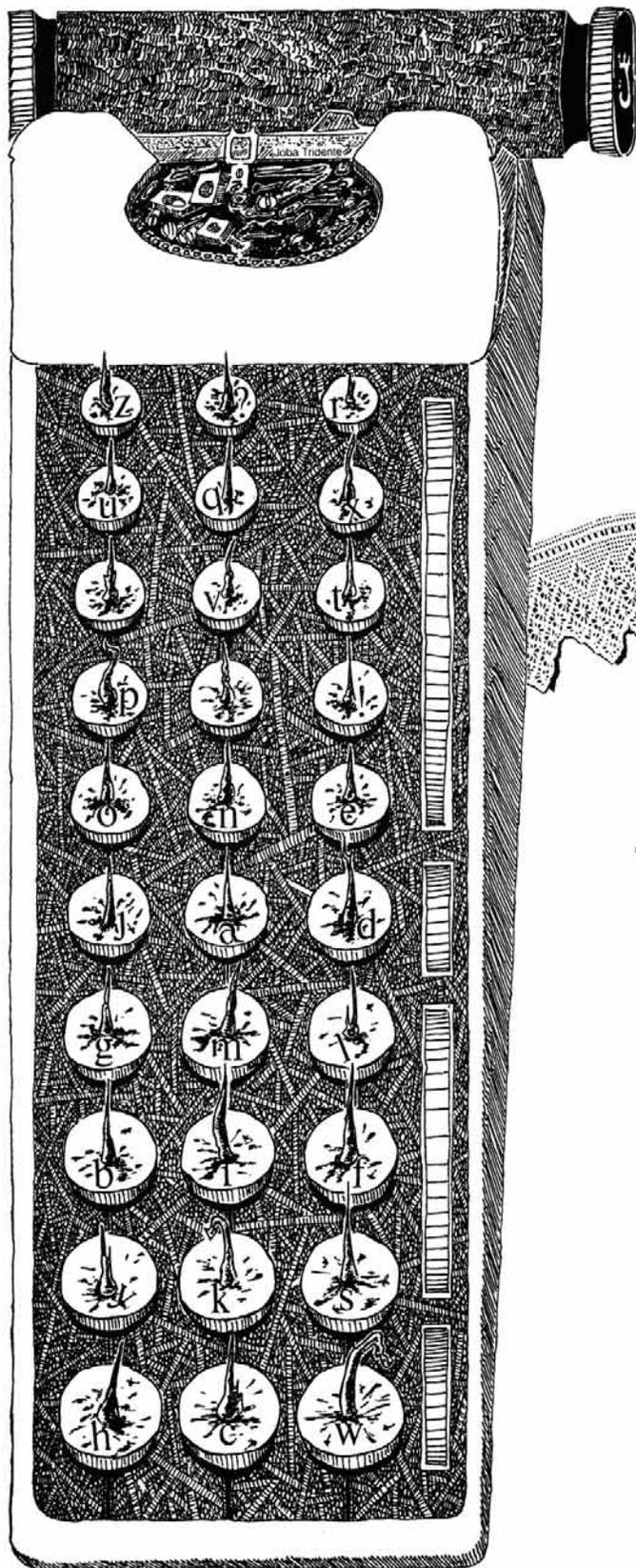
válido somente para o paraná

ASSINE NICOLAU gratuitamente

Nós fazemos o resto. Escreva ou telefone ainda hoje. E receba amanhã.

Rua Ébano Pereira, 240 — Curitiba — Paraná — CEP 80.410 — Tel (041) 225-7117





a suavidade do vento

E para completar o tédio, os monstros se acalmavam! Bichos espantosamente suscetíveis, como sensitivas, eles adivinhavam apreensivos que cada tarde que Matozo arrastava datilografando *A suavidade do vento* — uma datilografia penosa mas excitante, dedo a dedo, linha a linha — representava uma nova parede na fortaleza que o amigo erguia em torno de si. A lentidão deliberada, cigarro a cigarro, com que ele passava a limpo aquelas páginas, ocultava o temor de terminá-las, quando teria de voltar às exigências concretas do cotidiano, cruamente, sem válvula de escape. Porque não lhe ocorria mais nada para escrever! À noite, bebendo, descobria-se o assustado autor de uma obra única: a suavidade do vento era ele; terminada, ele terminaria junto; a obra se revelava o torto caminho pelo qual ele, nascendo de um limbo, chegava a algum lugar com contorno próprio. Lia em voz alta (por exemplo: *Domingo é o dia maldito da Criação*) e imediatamente o mundo aprisionava-se num sistema fechado de referências; sólidas, precisas, as coisas ganhavam sentido sob o seu olhar único. E era esse olhar manuscrito, só ele, que criava a realidade! A paixão segundo Matozo intimidava os monstros, que empalideciam dia a dia. Nem se aproximavam, porque era bem possível que ele, em estado de graça, ainda passasse a mão distraidamente naquelas cabeças rugosas e pontudas, num carinho demolidor. Pois Clarice não havia beijado uma barata?

